



## ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA



“Venere e Marte legati da Amore”  
- A mulher na arte italiana.



Alegoria do Comércio



A série dos Cruzados (1834 a 1848), em prata.

**BOLETIM INFORMATIVO Nº 73**

**AGOSTO DE 2018**



## ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

Rua dos Ilhéus, 118 sobreloja 9 - Ed. Jorge Daux  
CEP 88.010-560 - Florianópolis - SC

Caixa postal 229 - CEP 88.010-970

A AFSC, fundada em 6/8/1938, é uma Entidade sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Estadual 542 de 24/9/1951 e pela Lei Municipal 970 de 20/8/1970.

DIRETORIA eleita em julho de 2018 para o período de agosto/2018 a agosto/2019:

Presidente:	Demétrio Delizoicov Neto
Vice-presidente:	Luis Claudio Fritzen
Primeiro secretário:	Ernani Santos Rebello
Segundo secretário:	Fabio Nakamura
Primeiro tesoureiro:	Bernardo Bihr Lopes
Segundo tesoureiro:	Fred Leite Siqueira Campos
Diretor de Sede:	Hugo Nestor Ciavattini

Conselho fiscal:	
Lucia Milazzo	Antonio Correa Varela (Suplente)
Romeu Odilo Trauer	Juliano Natal (Suplente)
Rubens Moser	Roque Rosseto (Suplente)

A AFSC desenvolve um importante trabalho de divulgação do colecionismo em geral, além da edição deste Boletim - Santa Catarina Filatélica. Anualmente, realiza, no mês de agosto - mês do seu aniversário de Fundação -, o tradicional Encontro de Colecionadores. Todas as publicações e convites para realizações da AFSC são enviados aos associados, Clubes e Associações congêneres. Há também uma biblioteca especializada à disposição dos associados na Sede da AFSC.

Para suporte aos dispêndios decorrentes das atividades referidas, a AFSC depende principalmente da arrecadação das anuidades pagas por seus associados, que podem ser das seguintes categorias e valores:

Efetivos - residentes em Florianópolis, com idade a partir de 18 anos .....	R\$150,00
Juvenis - com idade inferior a 18 anos .....	R\$20,00
Correspondentes no Brasil - residentes fora de Florianópolis .....	R\$50,00
Correspondentes no Exterior - residentes fora do Brasil .....	US\$ 35,00

### **Associe-se!**

Envie-nos cópia preenchida da ficha para associação, encontrada em nosso site na internet:

[www.afsc.org.br](http://www.afsc.org.br)

## PALAVRAS DO PRESIDENTE

Na ata de fundação da AFSC consta que o seguinte telegrama foi enviado, em 06 de agosto de 1938, para o Club Filatélico do Brasil, situado na cidade do Rio de Janeiro, na época Capital Federal: *“Club Filatélico do Brasil – Caixa Posta 195 – Rio – Acaba ser fundada com grande entusiasmo Associação Filatélica de Santa Catarina - Saudações – Carlos Sada presidente- Selva secretario – Ernani Silva tesoureiro”*.

Oitenta anos se passaram e a AFSC comemora essa data com a realização de mais uma edição do tradicional Encontro de Colecionadores de Florianópolis, que vem ocorrendo no primeiro final de semana de agosto de cada ano.

Nesses oitenta anos, além dos Encontros anuais, a AFSC organizou várias exposições filatélicas, sendo uma das maiores a Exposição Nacional de Filatelia, realizada de 28 de julho a 3 de agosto de 2008, ocasião em que a AFSC comemorava o seu septuagésimo aniversário. Também, ao longo desse período, a AFSC direcionou ações para fortalecer a numismática, congregando, hoje, um interessante grupo de colecionadores, enriquecendo a sua cultura ao se miscigenarem distintos interesses sobre colecionismo. Evidência dessa riqueza cultural são os boletins editados pela AFSC, apresentando artigos sobre filatelia, numismática e outras formas de colecionismo. Neste número 73, que está sendo lançado no octogésimo aniversário da AFSC, são oito diferentes matérias trazidas por associados e amigos, a quem agradecemos.

Boa leitura!

Demétrio Delizoicov Neto  
Presidente da AFSC

## ÍNDICE GERAL

Palavras do Presidente .....	3
A Perkins, Bacon & Petch e as cédulas impressas para o Tesouro Nacional ..	4
A Conquista do Espaço pelos Mamíferos .....	28
La Donna nell'Arte .....	34
Agência postal do Ribeirão da Ilha .....	40
Conflitos e Colecionismo .....	42
Bilhetes postais comemorativos da 6ª Feira Internacional de Amostras do RJ e créditos fotográficos .....	44
LER MAIS .....	50
Série dos Cruzados - Segundo Sistema Monetário (1833 a 1848) .....	51
Carimbos de Expedição com Identificação do Caixa de Atendimento .....	56

Textos e imagens dos artigos publicados neste Boletim são de responsabilidade dos autores.

# A Perkins Bacon & Petch (PB&P)<sup>1</sup> e as cédulas impressas para o Tesouro Nacional (1835 - 1870<sup>2</sup>)

Márcio Rovere Sandoval<sup>3</sup> - Montreal, Canadá (\*)



**Figura 1** – Alegoria do Comércio, detalhe das cédulas de 5 mil-réis da 1ª Estampa (R025; P.A203), 1835-1845<sup>4</sup>, impressas pela PB&P para o Tesouro Nacional. Essa mesma alegoria foi reutilizada nas cédulas de 1 mil-réis da 2ª Estampa (R011; P.A210), 1844-1869. A PB&P ainda fez uso parcial dessa gravura nas cédulas do “*Commercial Bank of Newfoundland*” (Banco Comercial da Terra Nova<sup>5</sup>), por volta de 1857 e 1885 (P.S101 – P.S110).

## 1. A Empresa de Impressão

A história da empresa de impressão *Perkins Bacon & Petch* (PB&P) teve início com um estadunidense de *Newburyport*<sup>6</sup>, *Jacob Perkins* (1766 – 1849). Com apenas 12 anos de idade ele já era aprendiz de gravura junto a um ourives. Veio a atingir um alto nível de competência na matéria, tanto que, em 1799, foi encarregado de produzir as matrizes para as medalhas funerárias de George Washington.

1 Essa empresa, no decorrer de sua existência, passou por diversas mudanças na razão social. Quando surgiu, em 1819, se chamava *Perkins Fairman & Heath*. Em 1822, mudou para *Perkins & Heath*, permanecendo dessa forma até 1834, quando passou a se chamar *Perkins, Bacon & Petch* (PB&P.), que adotamos no presente estudo, por representar o período “áureo” da empresa. Em 1852, passou a se chamar *Perkins & Bacon Co.* e, em 1887, *Perkins Bacon & Co. Ltd.* No final do Século XIX, a empresa já vinha declinando nos negócios em virtude de uma série de más administrações. Ao que tudo indica, a marca continuou existindo até 1935, quando a empresa cessou, definitivamente, suas atividades. Posteriormente, os documentos da empresa foram adquiridos pela *Royal Philatelic Society* de Londres. A abreviação utilizada para o nome da empresa, qual seja, PB&P ou PB&Co. é contemporânea, não se tratando de um monograma empregado na época, como foi o caso da ABNCo., para *American Bank Note Company*. Existe uma sobreposição entre as denominações *Perkins Bacon & Petch* (1834-1852) e *Perkins Bacon & Co.* (1852-1887). Assim é que, em 1839, a “*Perkins Bacon & Co.*” foi a empresa que produziu as matrizes e as placas para a impressão do *Penny Black*.

2 Período de 35 anos em que as cédulas impressas pela PB&P para o Tesouro Nacional foram emitidas. A desmonetização da última cédula impressa pela PB&P foi a de 10\$000 da 5ª Estampa do Tesouro Nacional (R038; P.A238), em 1885.

3 Esta matéria contém diversas informações inéditas, fruto de pesquisa laboriosa. A reprodução está condicionada à autorização prévia, basta nos enviar mensagem por e-mail.

4 Período de circulação, ou seja, de emissão e desmonetização.

5 A Terra Nova passou a integrar o Canadá em 1949.

6 Pequena cidade e porto do condado de *Essex*, em *Massachusetts*, próxima à *Boston*.

Em virtude da Guerra de Independência (1775 – 1783) e antes da criação da *US Mint*<sup>7</sup>, o sistema monetário estadunidense encontrava-se em estado caótico. Nesse cenário, as pessoas recorriam ao papel-moeda estrangeiro e aos bilhetes de alguns bancos privados, estes tão mal impressos que qualquer artífice poderia falsificá-los com sucesso. *Jacob Perkins* viu aí uma grande oportunidade, tornando-se impressor de segurança.

Na época<sup>8</sup>, eram utilizadas placas de cobre gravadas para a impressão de documentos de segurança. O cobre, sendo um metal mole, se desgastava rapidamente, não proporcionando um grande número de tiragens, sendo necessária, assim, a substituição constante das placas, com uma nova gravura. Essa nova gravura, mesmo que realizada com os mesmos motivos e pelo mesmo gravador, nunca atingiria a “similitude absoluta” necessária às matrizes, eis que mesmo um artesão altamente qualificado seria incapaz de reproduzir o próprio trabalho. Assim, acumulavam-se diversas placas de impressão ou matrizes, com resultados diferentes para a mesma gravura, dificultando a análise de autenticidade dos documentos e facilitando a vida dos falsários.



**Figura 2** – Retrato de *Jacob Perkins*, *Edwards Del.*<sup>9</sup> (desenho de Thomas Edwards), litografia de *Pendleton's Lithography*, 1825. *Boston Monthly Magazine*, 1826. (fonte: Wikipédia).

*Jacob Perkins* realizou experiências com placas de ferro, que igualmente sofriam com o desgaste. Em 1803, empregou a gravura sobre aço para a elaboração das matrizes e foi melhorando o procedimento até conseguir endurecer as placas, possibilitando a impressão de longas séries de documentos idênticos sem que a matriz necessitasse ser substituída. O procedimento de amolecer o aço e depois endurecer já era conhecido antes de *Perkins*, mas foi ele quem

realizou as adaptações para superfícies planas e delicadas.

Em 1806, publicou uma brochura, relatando suas experiências na impressão de segurança, seguida, em 1809, da adoção pelo Estado de Massachusetts, desses procedimentos de impressão pela legislação bancária, o que proporcionou à sociedade de *Perkins* o quase monopólio na impressão de bilhetes do Estado de Massachusetts.

Em 1810, publicou um livro juntamente com o gravador *Gideon Fairman*<sup>10</sup> que se acredita ser um dos primeiros livros impressos através de placas nos Estados Unidos. Para *Perkins*, a impressão de bilhetes de banco e as ilustrações dos livros eram a mesma coisa.

O método de impressão através de placas de metal gravadas, utilizado por *Perkins*, era o seguinte: Uma placa de metal polido era submetida a uma ferramenta cortante denominada buril. Após a realização da gravura, era colocada a tinta que penetrava nas ranhuras e, depois, a superfície era limpa, deixando a tinta nas incisões. Em seguida, colocava-se sobre a placa uma

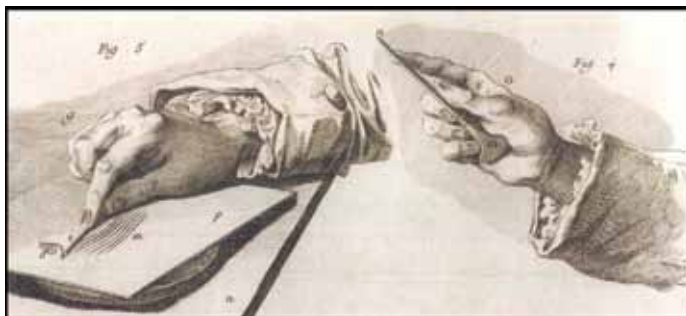
7 Casa da Moeda dos Estados Unidos, criada em 1792.

8 Final do Século XVIII e início do Século XIX.

9 DEL.: do latim “*delineavit*”, aquele que desenhou, no caso, *Thomas Edwards*.

10 *Perkins & Fairman's Running Hand Stereographic Copies*. Newburyport: *Thomas & Whipple*, 1810.

folha de papel úmido e por pressão, obtida através de uma prensa, a tinta era transferida a partir das linhas incisas na placa, que compunham o desenho, para a superfície do papel. Utilizando-se esse método, o papel ficava sensível ao tato.



**Figura 3** – Detalhe do processo de gravação em talho doce na *Encyclopédie de Diderot* (Sp Coll Bn5-a.2). 1751 - 1772.

Esse método já era conhecido, mas não para a impressão de bilhetes de banco. O emprego do aço, também representava um grande avanço sobre o que se havia feito anteriormente.

Mas..., mesmo as placas de aço se desgastavam. Então, ele imaginou que se a gravura da matriz pudesse ser transferida a uma nova placa de impressão, o problema da produção em massa<sup>11</sup> de cópias idênticas estaria resolvido.

Em 1813, ele veio a obter uma patente para um rolo de transferência<sup>12</sup>, que transferia a gravura a partir da matriz em aço endurecido a um rolo de aço mole que, em seguida, era endurecido. Depois, esse rolo era utilizado para imprimir a imagem sobre outras placas e, assim, sucessivamente.

Em 1816, o Governo Federal, considerando as novas técnicas desenvolvidas por *Jacob Perkins*, o aceitou para imprimir os bilhetes do novo Banco Nacional.

Esse novo Banco não veio a se concretizar e *Perkins* acabou tendo de vender a maioria das patentes. Estava ele com 50 anos.

Enquanto isso, do outro lado do Atlântico, a Inglaterra enfrentava problemas com a falsificação do papel-moeda, que passou a ser utilizado em grande escala para substituir as moedas de ouro retiradas de circulação pelo Governo, com o intuito de financiar a guerra contra Napoleão.

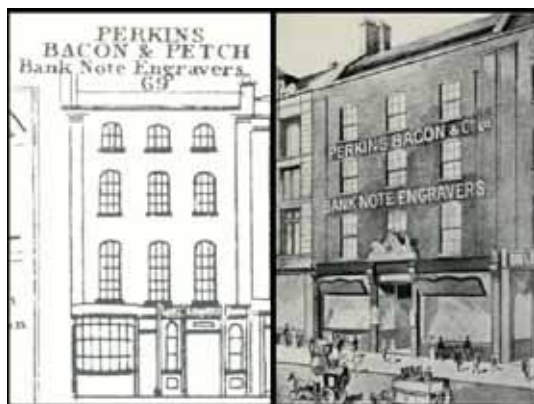
O Ministro inglês em Washington, impressionado com os avanços na produção de papel-moeda desenvolvidos por *Perkins* e seus associados (*Asa Spender* e *Gideon Fairman*), convidou-os a Londres para que passassem a imprimir os bilhetes do Banco da Inglaterra. Assim, após o recebimento de £ 5000, zarparam em direção a Liverpool.

Em 1819, na Inglaterra, *Jacob Perkins* abriu uma empresa de gravação em placas de aço, com a razão social de *Perkins Fairman & Heath*<sup>13</sup>, localizada no nº 69 da *Fleet Street*, em Londres.

11 Em número quase ilimitado.

12 Com o aperfeiçoamento desses métodos, obteve outras patentes, como a prensa de impressão circular matricial e a prensa para impressão de gravuras sobre cobre e aço.

13 *Charles Heath* era gravador do Rei George III.



**Figura 4** – À esquerda, street view de Londres, com o desenho do prédio da “Perkins Bacon & Petch, Bank Note Engravers”, no nº 69 da Fleet Street, cerca de 1839. À direita, foto do prédio da “Perkins Bacon & Cia Ltda., Bank Note Engravers”, após 1887.

O Governador<sup>14</sup> do Banco da Inglaterra se mostrou contrário à ideia de ter um estrangeiro<sup>15</sup> implicado na produção dos bilhetes do Banco, sendo que ao final restou decidido que o próprio Banco continuaria a imprimi-los.

Mesmo nessas condições adversas, *Jacob Perkins* resolveu ficar na Inglaterra e acabou por obter alguns contratos de impressão para o Banco da Irlanda, da Escócia e outros bancos provinciais menores.

Pouco tempo depois, *Fairman* deixou a sociedade e a empresa passou a se chamar *Perkins & Heath*, permanecendo dessa forma até 1829, quando passou a *Perkins & Bacon*, por causa de *Joshua Butters Bacon*, que se casou com uma das filhas de Jacob e entrou para a sociedade. Em 1834, a empresa passou a *Perkins Bacon & Petch* (PB&P), eis que o gravador *Henry P. Petch*, que trabalhava na empresa desde 1823, entrou como sócio.

Em 1835, a empresa obteve o contrato de impressão das cédulas brasileiras (Emissões do Tesouro Nacional) num valor de £ 23 000<sup>16</sup>. A primeira repartição de benefícios veio no ano seguinte.

Em 1836, com 70 anos, *Jacob Perkins* se aposentou com poucos recursos. Ironicamente, três anos depois, a empresa obteve o contrato de impressão do primeiro selo postal adesivo do mundo, o *Penny Black*.

*Jacob Perkins* faleceu em 1849 (com 84 anos) e está sepultado no cemitério de *Kensal Green*, em Londres.

Em 1852, o nome da empresa foi alterado para *Perkins & Bacon & Co.* e, em 1887, para *Perkins Bacon & Co. Ltd.* A sociedade, nessa época, era dirigida pelo neto do antigo sócio de Jacob, *Charles Heath*. No final do Século XIX, a empresa já vinha declinando nos negócios em virtude de uma série de más administrações. Ao que tudo indica, a marca continuou existindo até 1935, quando cessou, definitivamente, suas atividades. Posteriormente, os documentos da empresa foram adquiridos pela *Royal Philatelic Society* de Londres.

14 Correspondia ao Presidente do Banco.

15 No caso, um estadunidense.

16 Acreditamos que esse valor se refere à encomenda inicial que foi entregue em 1835, ou seja, as cédulas da 1ª Estampa do Tesouro. A empresa já havia realizado negócios com o Brasil em 1828-29, para impressão de cédulas para o 1º Banco do Brasil.



**Figura 5** – Marcas da empresa de impressão constantes nas margens das cédulas, desde a fundação, em 1819, até a última alteração da razão social, em 1887. A partir da segunda denominação, temos indicação do método de impressão patenteado, ou seja, com placas de aço endurecidas (Patent Hardened Steel Plate).

A empresa, durante sua existência, imprimiu cédulas, selos e outros documentos de segurança para diversos países e, principalmente, para bancos particulares do Império Britânico.

Para ficarmos em apenas alguns exemplos, a lista não é exaustiva, relacionamos alguns desses países<sup>17</sup> e, pelo menos, um banco que teve suas cédulas impressas pela Perkins e seus associados. Vejamos:

Austrália	<i>The Oriental Bank Corporation – P.nd</i>
Argentina	<i>Banco Nacional de las Provincias Unidas del Rio de La Plata P.S361-367</i>
Colômbia	<i>Banco de Santander – P.S831-835</i>
Grã-Bretanha	<i>The York Union Bank Company Limited – P.nd</i> ;
Escócia	<i>The Commercial Bank of Scotland, Limited – P. S300-313</i>
Terra Nova	<i>Commercial Bank of Newfoundland – P. S101-108</i>
Índia Britânica	<i>Bank of Bengal – P.S40-88</i>
Irlanda	<i>Provincial Bank of Ireland Limited – P. 331-347</i>

Podemos notar que apesar da empresa utilizar métodos inovadores como a impressão através de chapas de aço gravadas, o *design* era simples, se resumindo, na maioria das vezes, em uma gravura central com guilchês nas laterais e, no centro, o nome do órgão emissor com um fundo de segurança em microcaracteres. Também apresentavam filigrana ou marca d'água, em geral constituídas de traços.

No Brasil, as cédulas impressas pela Perkins sofreram com a falsificação, eis que poucos eram capazes de identificar as cédulas falsas que, muitas vezes, vinham do exterior. A partir de 1869, com a concorrência da *American Bank Note Company* (ABNCo.), a empresa veio a perder os contratos com o Brasil.

17 Além do Brasil.





**Figura 6** – Anverso da cédula de 1 libra do “Provincial Bank of Ireland Limited” (P.346b – specimen) impressa pela Perkins, Bacon & Co., datando de 1º de dezembro de 1926. São bifaciais e não trazem o nome do impressor. Um design sem grandes modificações durante mais de 100 anos.



**Figura 7** – Projeto (specimen) da cédula de 1 libra do Banco da Inglaterra (P.nd.), cerca de 1819; impressa por Perkins, provavelmente, já como Perkins Fairman & Heath. À esquerda, temos Britânia (personificação da Grã-Bretanha), ao centro, Netuno ou Poseidon e, à direita, a Alegoria do Comércio.

## 2. As cédulas impressas para o Brasil

As primeiras impressões que a *PB&P*<sup>18</sup> realizou para o Brasil foram as notas da 2<sup>a</sup><sup>19</sup> e 3<sup>a</sup> emissões do 1º Banco do Brasil<sup>20</sup>, em 1828 e 1829. Foram dois valores da 2ª emissão e dezenove da 3ª emissão, no total de vinte e um tipos de cédulas. Essas notas foram desmonetizadas em 1841.

Além do 1º Banco do Brasil, a empresa imprimiu bilhetes para dois outros bancos no Império, são eles: Banco Comercial e Agrícola (1857 a 1862<sup>21</sup>) e Banco Rural e Hipotecário (1853 a 1867).

Para o Tesouro Nacional, a empresa imprimiu quarenta e um tipos de cédulas, as primeiras em 1835 e as últimas em 1870. As cédulas de 20\$000 réis emitidas em 1867 e as de 10\$000 réis emitidas em 1868, ambas da 5ª estampa, foram as últimas dessa empresa a serem desmonetizadas, em 1885.

Aqui trataremos apenas das cédulas impressas pela *PB&P* para o Tesouro Nacional (1835-1870).

### 2.1 – O Tesouro Nacional (1827-1965)



**Figura 8** – “*TESOURO NACIONAL*”, sobre fundo de segurança “um mil réis” em microcaracteres. Detalhe da cédula de 1\$000 réis do Tesouro Nacional (R010; P.A201), emitida em 1835. Pela primeira vez, temos a expressão “*No Thesouro Nacional se pagará ao portador desta a quantia de ... valor recebido*”.

Tesouro Nacional, ou Tesouro Público, ou ainda Erário Público, é o caixa do Governo, ou seja, o representante das finanças do Estado. Designa, também, os serviços de administração dos recursos do Estado que, na maioria dos países, está ligada a um Ministério de Finanças. No Brasil, essa função foi criada pelo Alvará de 28 de junho de 1808<sup>22</sup>, com o estabelecimento do Real Erário, posteriormente denominado Tesouro Imperial e, finalmente, Tesouro Nacional, ligado ao Ministério da Fazenda. Desde 1827 (Decreto de 27 de novembro de 1827), o Tesouro Nacional passou a ser responsável pela emissão e recolhimento do papel-moeda, isso até a reforma de 1964/5<sup>23</sup>, quando essa função passou ao Banco Central.

18 No caso, a *Perkins & Heath* (P&H).

19 No caso da 2ª emissão, existe apenas uma suposição de que foram impressas pela *PB&P*, diante da semelhança das notas com as da 3ª emissão. Veja sobre esse assunto o Boletim da AFSC, n° 71, de novembro de 2016, pg. 3-26.

20 1808-1829.

21 Foi liquidado em 1862.

22 Houve um primeiro Decreto de criação em 11 de março de 1808, em que foi nomeado o seu presidente. (Fonte: Arquivo Nacional).

23 Em 1836, devido ao furto no Tesouro, a Caixa de Amortização passou a efetuar o serviço de emissão e recolhimento do papel-moeda, sob a responsabilidade do Tesouro. Entre 1892 e 1896, essa função teria sido exercida pelo Banco dos Estados Unidos do Brasil.

Interessante notar que a denominação utilizada nas cédulas, desde o Império, foi “Tesouro Nacional” e não “Tesouro Imperial”.

O conceito de “Tesouro Nacional” assumiu diferentes sentidos conforme a época e as funções a ele atribuídas, mas sempre ligado às finanças públicas. Assim, temos atualmente a Secretaria do Tesouro Nacional, ligada ao Ministério da Fazenda, criada em 1986, responsável, entre outras funções, pela administração financeira do Estado e pela arrecadação de impostos.

Voltando a 1827, época em que o Tesouro Nacional passou a ser responsável pela gestão do papel-moeda, temos a emissão das cédulas para o troco do cobre na Província da Bahia. A causa foi o derrame de moedas falsas de cobre que constituíam uma verdadeira calamidade. A medida foi ampliada às outras Províncias que também passavam pelo mesmo problema, através da Lei de 03 de outubro de 1833.

A Lei de 23 de setembro de 1829 determinou a liquidação do 1º Banco do Brasil, sendo que o Governo assumiu a responsabilidade das emissões.

Através do Decreto de 1º de junho de 1833, determinou o Governo a substituição dos bilhetes do extinto 1º Banco do Brasil, mandando estampar cédulas do Tesouro para este fim<sup>24</sup>.

Nessa mesma época, os falsários passaram a fabricar, também, as cédulas para o troco de cobre, juntamente com os bilhetes do já extinto 1º Banco do Brasil.

Diante dessa situação, o Governo, através da Lei nº54 de 6 de outubro de 1835, mandou substituir todas essas emissões pelas novas cédulas mandadas estampar pelo Decreto de 1º de junho de 1833, já encomendas à *Perkins, Bacon & Petch* (PB&P), de Londres. O objetivo era uniformizar o meio circulante.

O Governo, com essa medida, se tornava o ator principal do meio circulante, mesmo que, em determinados períodos cedesse, também, o poder de emissão a bancos privados, a denominada “pluralidade bancária emissora”<sup>25</sup>.

E a expressão “*pagará ao portador desta a quantia de..., valor recebido*”<sup>26</sup> tinha um papel meramente simbólico, eis que as cédulas do Tesouro Nacional foram sempre inconvertíveis<sup>27</sup>. Em algumas ocasiões, o Governo realizou empréstimos internacionais para lastrear a emissão de dinheiro, com o objetivo de reequilibrar o câmbio, mas esse fato não alterava a inconvertibilidade do dinheiro que circulava no país.

---

24 A medida foi efetivada apenas com a edição da Lei nº54 de 06 de outubro de 1835.

25 Ideia oposta à “unidade bancária emissora”.

26 Valor recebido – indicação constante nas cédulas do Tesouro Nacional desde o Império até 1961 e que diz respeito à garantia de pagamento através da existência de um lastro monetário, representado pela expressão “*se pagará ao portador desta a quantia de ... valor recebido*”. Esse pagamento, em tese, poderia ser realizado em moedas de ouro ou prata, como, acreditamos, era praxe no caso dos bancos privados e das Caixas de Conversão e a de Estabilização. Diríamos em tese, eis que na prática, ao que temos notícia, isso aconteceu apenas com a primeira emissão do Banco do Brasil (1º Banco do Brasil – 1808, bilhetes da 1ª emissão), dos Bancos Privados e das Caixas já citadas. O lastro nem sempre era integral. Assim, no caso das cédulas do Tesouro Nacional, essa garantia era letra morta, existente apenas pela tradição que remontava ao Império.

27 Essa afirmação encontra-se na obra de F. dos Santos Trigueiros, “Dinheiro no Brasil”, 2ª edição, 1987, p. 117.

## 2.2 – As cédulas impressas pela *PB&P* para o Tesouro Nacional (1835-1870).



**Figura 9** – Cédula de 200 mil-réis (1835-1862) da 1ª Estampa, impressa pela *PB&P* (R061; P.A208). Dimensões: 195 mm x 130 mm. Quantidade emitida: 20.684. Recolhidas: 20.561. Deixaram de vir a troco: 123. No centro, parte superior, vista da Bahia (Salvador). Imagem: Acervo do Museu de Valores do Banco Central.

Como vimos, foram quarenta e um tipos de cédulas distribuídas em seis estampas, entre 1835 e 1870. As cédulas vinham agrupadas em talões e, quando da emissão, eram cortadas pela linha de corte situada na margem esquerda. A linha de corte trazia a indicação escrita do valor da cédula. Quando necessário, as cédulas poderiam ser verificadas, quanto a sua autenticidade, através da correspondência da linha de corte. Eram impressas apenas no anverso e apresentavam uma assinatura autenticadora. O nome do impressor e a indicação do método de impressão, em microcaracteres “*Perkins Bacon & Petch, London, Patent Hardened Steel Plate*” ou “*Perkins, Bacon & Co. London, Patent Hardened Steel Plate*”<sup>28</sup> encontram-se na margem inferior interna das cédulas.

De forma similar às cédulas da 3ª emissão do Banco do Brasil, as cédulas traziam a seguinte legenda, concernente à “garantia de pagamento”: “*No Thesouro Nacional se pagará ao portador desta a quantia de ....., valor recebido*”.

Eram cédulas mais largas em relação ao que, mais tarde, ficaria estabelecido. Assim, as cédulas de 100 mil-réis da 1ª e 3ª estampas, respectivamente de 1835 e 1856, mediam 220 mm X 135 mm, bem como a de 500 mil-réis da 1ª estampa de 1835. Essas três cédulas são os maiores exemplares da coleção brasileira de cédulas.<sup>29</sup>

As cédulas da 1ª Estampa entraram em circulação em 24 de dezembro de 1835 e as de 100, 200 e 500 mil-réis, nessa mesma data e em 22 de agosto de 1836<sup>30</sup>. À medida que iam

28 A indicação do método de impressão não aparece nas cédulas de 10 mil-réis de 1868, constando apenas o nome do fabricante, ou seja, “*Perkins Bacon & Co., London*”.

29 Das cédulas emitidas pelo Governo, até o momento não foi possível analisar as cédulas dos Bancos particulares.

30 Cédulas com um segundo corte à direita, emissão posterior ao furto do Tesouro.

surgindo cédulas falsificadas, se sucediam novas estampas.

### 2.3 – As cédulas da 1ª Estampa do Tesouro Nacional (9 valores)

Características comuns: Unifaciais, tinta preta sobre papel branco, em calcografia. Marca d'água: linhas triangulares. Valor da cédula em algarismos e a inscrição “*Thesouro Nacional*”<sup>31</sup>. Numeração e série manuscritas. Estampa: sem indicação. À esquerda, Armas Imperiais de D. Pedro II, à direita, referência ao Decreto de 1º de julho de 1833, e, ao centro, na parte superior, vinhetas com os seguintes motivos<sup>32</sup>:



**Figuras 10, 11, 12 e 13** – Vinhetas das cédulas da 1ª Estampa do Tesouro Nacional, gravadas e impressas pela *PB&P* de Londres. Na sequência, temos: Alegoria da Agricultura (1\$000 réis); Alegoria das Artes (2\$000 réis); Alegoria do Comércio (5\$000 réis) e Efégie de D. Pedro II (10\$000 réis). A efégie de D. Pedro II menino que aparece na cédula de 10\$000 réis de 1835 é a primeira representação de uma personalidade nas cédulas brasileiras<sup>33</sup>.



**Figuras 14 e 15** – Vinhetas das cédulas da 1ª Estampa do Tesouro Nacional, gravadas e impressas pela *PB&P* de Londres. Na sequência, temos: Alegoria da Justiça (20\$000 réis) e Alegoria do Descobrimto do Brasil (50\$000 réis).

31 Característica provável, já que não conseguimos analisar todas as cédulas, como também não encontramos nenhuma referência a essa característica de segurança nas obras especializadas. A posição desses elementos na cédula pode variar, segundo o valor.

32 Em alguns casos, utilizamos imagens retiradas de cédulas de outras estampas, por causa da qualidade da imagem.

33 Uma efégie semelhante, mas de outro gravador, aparece nas moedas de ouro de 4.000 (8,06 gr.), 6.400 (14,34 gr.) e 10.000 (14,34 gr.) réis, cunhadas a partir de 1832 e 1833 para a moeda de 10.000 réis.



**Figuras 16, 17 e 18** – Vinhetas das cédulas da 1ª Estampa do Tesouro Nacional, gravadas e impressas pela *PB&P* de Londres. Na sequência, temos: Vista do Recife (100\$000 réis), da Bahia (200\$000 réis) e do Rio de Janeiro (500\$000 réis). Trata-se das primeiras imagens de cidades brasileiras impressas nas cédulas<sup>34</sup>.

Em relação à gravura de Recife (figura 16), temos a entrada do Porto do Recife, com o Farol da Barra, que foi mandado construir por D. João VI e inaugurado em 1822<sup>35</sup>. Em segundo plano, temos o Forte São Francisco da Barra ou Forte do Picão<sup>36</sup>, entre outros nomes, construído originalmente no final do Século XVI ou início do Século XVII. Após ter passado por diversas reformas e reconstruções, foi, finalmente, demolido em 1910, em nome do “progresso”. Dessa vista, restam apenas o Farol e as ruínas das fundações do Forte.

A gravura de Perkins (figura 16) foi, provavelmente, inspirada em uma pintura ou gravura realizada entre 1822 e 1834. Infelizmente ainda não a localizamos.

A primeira foto conhecida do Recife, de 1851, foi tirada a partir do Farol e retrata o Forte e a cidade do Recife. Esses dois elementos arquiteturais ainda constam nos brasões de Pernambuco e do Recife.

A figura 17 traz uma vista de Salvador. Também nesse caso, não encontramos a pintura ou gravura de origem. Da mesma forma que a gravura do Recife e a do Rio de Janeiro, essa de Salvador traz uma imagem concernente ao porto, alusão ao comércio e ao desenvolvimento.

Na figura 18, temos uma gravura do Rio de Janeiro visto a partir da Ilha das Cobras, sendo que localizamos apenas uma imagem de época parecida, qual seja, a “*Baía de Guanabara vista da Ilha das Cobras*”, de Félix Émile Taunay (1795-1881), de cerca de 1828.

Pela natureza das gravuras (figuras 16, 17 e 18), acreditamos na existência de imagens de origem, que ainda não localizamos.

Em julho de 1836, verificou-se o furto das cédulas de 50, 100, 200 e 500 mil-réis. Conforme estipulava a Lei, o Tesouro deveria substituí-las por novos tipos, fato que não veio a ocorrer, eis que não haviam sido encomendados. Assim, decidiu-se cortar a margem direita (a oposta à que era presa ao talão) para posterior comparação, como era feito com a outra margem. Após o furto do Tesouro, o serviço de emissão e recolhimento das cédulas passaram a ser realizados pela Caixa de Amortização.

34 Nos bilhetes do 1º Banco do Brasil, as alegorias sugerem a Baía de Guanabara no contexto da Abertura dos Portos.

35 Acreditamos que tenha passado por inúmeras reformas.

36 Denominação utilizada por causa dos recifes ou das pedras existentes naquele local e que cortavam os cascos dos navios.

## 2.4 – As cédulas da 2ª Estampa do Tesouro Nacional (9 valores)

Características comuns: Unifaciais, tinta e papel coloridos, em calcografia. Marca d'água: provavelmente similar à da 1ª Estampa. Numeração e série impressas. Estampa: sem indicação. À esquerda, referência ao Decreto de 1º de julho de 1833, à direita, Armas Imperiais de D. Pedro II e, ao centro, na parte superior, vinhetas com os mesmos motivos da 1ª Estampa, mas alternados em relação aos valores. Vejamos, por ordem de emissão<sup>37</sup>:

50\$000 réis	1839	Alegoria da Justiça (figura 14). Impressão: azul-marinho sobre fundo sépia.
10\$000 réis	1840	Alegoria do Descobrimento do Brasil (figura 15). Impressão: azul-marinho sobre fundo sépia.
20\$000 réis	1841	Efígie de D. Pedro II (figura 13). Impressão: azul-marinho sobre fundo sépia.
5\$000 réis	1842	Alegoria das Artes (figura 11). Impressão: carmim sobre fundo esverdeado.
1\$000 réis	1844	Alegoria do Comércio (figura 12). Impressão: carmim sobre fundo azulado.
2\$000 réis	1844	Alegoria da Agricultura (figura 10). Impressão: carmim sobre fundo esverdeado.
100\$000 réis	1844	Vista do Rio de Janeiro (figura 18). Impressão: verde sobre fundo verde-claro.
200\$000 réis	1844	Vista do Recife (figura 16). Impressão: verde sobre fundo verde-claro.
500\$000 réis	1844	Vista da Bahia (figura 17). Impressão: verde sobre fundo verde-claro.

## 2.5 – As cédulas da 3ª Estampa do Tesouro Nacional (9 valores)

Características comuns: Unifaciais, impressão em calcografia. Marca d'água: provavelmente similar à da 1ª Estampa. Numeração impressa. Estampa: sem indicação. Ao centro, na parte superior, vinhetas com os seguintes motivos:

5\$000 réis	1843	Alegoria da Agricultura (figura 10). Impressão: preto sobre papel branco.
20\$000 réis	1844	Alegoria do Descobrimento do Brasil (figura 15). Impressão: azul sob fundo amarelo.
50\$000 réis	1848	Nova Efígie de D. Pedro II (figura 19). Impressão: coral.
10\$000 réis	1852	Alegoria da Justiça (figura 14). Impressão: carmim sobre fundo esverdeado
100\$000 réis	1856	Vista da Bahia (figura 17). Impressão: preto sobre papel branco.
200\$000 réis	1859	Vista do Rio de Janeiro (figura 18). Impressão: preto sobre papel branco.
500\$000 réis	1859	Vista do Recife (figura 16). Impressão: preto sobre papel branco.
1\$000 réis	1860	Nova Alegoria do Comércio (figura 20). Impressão: preto e azul sobre papel branco.
2\$000 réis	1860	Nova Alegoria da Agricultura (figura 21). Impressão: preto e verde sobre papel branco.

37 Nessa relação, incluímos apenas as datas de emissão. As datas de recolhimento aparecem no quadro geral das emissões em anexo.





**Figuras 19, 20 e 21** – Novas vinhetas das cédulas da 3ª Estampa. Na sequência, temos: Nova imagem do Imperador Pedro II (50 mil-réis, 1848); Nova alegoria do Comércio (1 mil-réis, 1860) e Nova Alegoria da Agricultura (2 mil-réis, 1860).

Em uma carta da *PB&P* ao Governo, datada de 22 de maio de 1848<sup>38</sup>, no que diz respeito ao preço do milheiro de cédulas, temos: “*O nosso preço último foi de 51 shillings e 7 pence por mil notas, incluídas as chapas, papel, moldes, escrita, ajuntar e coser, tudo completo, e agora reduzimos a 45 shillings, sendo a redução de 12 ½ %.*”. Essa redução de preços era uma tentativa de minimizar a insatisfação do Governo brasileiro diante do fato de serem as cédulas de fácil falsificação.

## 2.6 – As cédulas da 4ª Estampa do Tesouro Nacional (9 valores)

Características comuns: Unifaciais, impressão em calcografia. Marca d’água: provavelmente similar à da 1ª Estampa. Em relação às cédulas de 10 mil-réis, temos: na parte superior, a inscrição “*Thesouro Nacional*” e, abaixo, uma esfera armilar circundada por 19 estrelas. Na parte inferior esquerda, o valor da cédula em algarismos “10”. Pela primeira vez aparece a indicação da estampa em alguns valores (10, 20, 100, 200 e 500 mil-réis). Ao centro, na parte superior, vinhetas<sup>39</sup> com os seguintes motivos:

5\$000 réis	1852	Alegoria da Justiça (figura 14). Impressão: preto sobre papel branco.
10\$000 réis	1854	Nova Alegoria da Agricultura (figura 22). Impressão: preto e sépia sobre papel branco.
20\$000 réis	1854	Nova Alegoria da Paz... (figura 23). Impressão: preto sobre papel branco.
1\$000 réis	1866	Nova Alegoria da Justiça... (figura 24). Impressão: preto e azul sobre papel branco.
2\$000 réis	1866	Nova Alegoria da Justiça... (figura 25). Impressão: preto e verde sobre papel branco.
50\$000 réis	1867	Nova Alegoria da Agricultura... (figura 26). Impressão: preto e azul sobre papel branco.
100\$000 réis	1867	Alegoria do Descobrimento do Brasil (figura 15). Impressão: preto e vinho sobre papel branco.
200\$000 réis	1867	Alegoria da Justiça (figura 14). Impressão: preto e vinho sobre papel branco.
500\$000 réis	1867	Nova Alegoria da Agricultura... (figura 27). Impressão: preto e verde sobre papel branco.

38 Por cópia junto ao aviso de 26 de setembro do mesmo ano.

39 A partir da 4ª Estampa, temos, em alguns casos, outras vinhetas, além da central.





**Figuras 22, 23 e 24** – Novas vinhetas das cédulas da 4ª Estampa (parte superior central). Na sequência, temos: Alegoria da Agricultura (10 mil-réis, 1854), Nova Alegoria da Paz, Agricultura e Ciências (20 mil-réis, 1854<sup>40</sup>) e Nova Alegoria da Justiça, Agricultura e Comércio (1 mil-réis, 1866).



**Figuras 25, 26 e 27** – Novas vinhetas das cédulas 4ª Estampa (parte superior central). Na sequência, temos: Alegoria da Justiça e Verdade (2 mil-réis, 1866), Nova Alegoria da Agricultura e Comércio (50 mil-réis, 1867) e Nova Alegoria da Agricultura (1867). As Armas Imperiais, constantes na figura 24, apresentam 17 estrelas.

## 2.7 – As cédulas da 5ª Estampa do Tesouro Nacional (3 valores).

Características comuns: Unifaciais, impressão em calcografia. Marca d'água: provavelmente similar à da 1ª Estampa. Estampa: sem indicação. Ao centro, na parte superior, vinhetas com os seguintes motivos:

5\$000 réis	1860	Nova Alegoria da Justiça... (figura 28). Impressão: preto e vinho sobre papel branco.
20\$000 réis	1867	Nova Alegoria do Comércio (figura 29). Impressão: preto e verde sobre papel branco.
10\$000 réis	1868	Busto de D. Pedro II (figura 30). Impressão: preto e vinho sobre papel branco.



**Figuras 28, 29 e 30** – Nova Alegoria da Justiça e do Comércio (5 mil-réis, 1860), Nova Alegoria do Comércio (20 mil-réis, 1867) e D. Pedro II (10 mil-réis, 1868).

40 Aqui utilizamos uma imagem de uma cédula impressa para o “Banco Nacional de las Provincias Unidas del Rio de La Plata”, de 20 pesos de 1829 (P.S363) que tem a mesma vinhetas da cédula brasileira.

## 2.8 – As cédulas da 6ª Estampa do Tesouro Nacional (2 valores)

Características comuns: Unifaciais, impressão em calcografia. Marca d'água: provavelmente similar à da 1ª Estampa. No caso da cédula de 20 mil-réis, a inscrição “*Tesouro Nacional*” aparece na parte superior e o valor da cédula em algarismos “20”, logo abaixo, no centro. Estampa: indicada na cédula de 20 mil-réis. Ao centro, na parte superior, vinhetas com os seguintes motivos:

5\$000 réis	1866	Nova Alegoria do Comércio, Artes e Ciências. Impressão: preto e vinho sobre papel branco.
20\$000 réis	1870	Vista do Acoradouro do Rio de Janeiro. Impressão: preto e verde sobre papel branco.



**Figuras 31 e 32** – Nova Alegoria do Comércio, das Artes e da Ciência (5 mil-réis, 1866) e Acoradouro do Rio de Janeiro (20 mil-réis, 1870).

A gravura do Acoradouro do Rio de Janeiro, realizada pela Perkins (figura 32), para a cédula de 20.000 réis de 1870, tem como origem uma fotografia de autoria do editor e fotógrafo francês *Victor Frond*. Essa imagem, litografada, foi publicada no álbum de Charles Rybeirrolles, “*Brasil Pitoresco, Álbum de vistas, Panoramas Paisagens, Monumentos, Costumes, etc. com os retratos de sua Majestade Imperador D. Pedro II e da família imperial, fotografados por Victor Frond*”, publicado em Paris, em 1861.

A litografia que se encontra no livro é a de número 6 e intitula-se “*Panorama de Rio de Janeiro – Port Marchand de La Saúde*”. Todas as litografias do livro são coloridas, à exceção dessa.

## 3. Fontes das informações das cédulas do Tesouro Nacional no Período Imperial

As informações sobre as emissões do Tesouro Nacional do período analisado, como: o valor das cédulas; a data de emissão e desmonetização; a quantidade emitida e recolhida; as datas de substituição sem desconto; etc. foram consubstanciadas em um trabalho de Miguel Arcaño Galvão (1821-1903), que foi Inspetor Geral da Caixa de Amortização e Diretor do Tesouro Nacional. Trata-se de um manuscrito intitulado “*Moeda Fiduciária do Brasil – Apontamentos para a sua historia – por M.A.G.*”. Esse manuscrito encontrava-se (segundo o Conservador do Museu Histórico Nacional – Antonio Pimentel Winz) na biblioteca daquela instituição, pelo menos até 1952<sup>41</sup>. Julius Meili, na obra *O Meio Circulante no Brasil - Parte III - A Moeda Fiduciária no*

41 Desaparecido nos dias de hoje.

Brasil. Zurique: *Tipografia Jean Frey*, 1903, páginas 40-46, reproduziu as informações contidas naquele manuscrito, que depois vieram a ser reproduzidas nos demais livros e catálogos sobre numismática.

Assim, a fonte das informações contidas nos catálogos é esse manuscrito. Consideramos que a fonte primária sejam os documentos da antiga Caixa de Amortização.



**Figura 33** – Cédula de 500 mil-réis (1835/36 – 1843/61) da 1ª Estampa, nº 44362, impressa pela PB&P (R067; P.A209). Dimensões: 220 mm X 135 mm. Quantidade emitida: 7.705. Quantidade recolhida: 7.674. Deixaram de vir a troco: 31. Conhecidas: 2. No centro, parte superior, vista do Rio de Janeiro. Imagem: Acervo do Museu de Valores do Banco Central, antiga coleção José Benedito de Moura<sup>42</sup>.

Vejamos, como exemplo, algumas informações de Miguel Arcanjo Galvão sobre as cédulas de 500\$000 réis da 1ª Estampa do Tesouro Nacional (figura 33):

Valor: 500\$000

Quantidade emitida: 7.705

Data da emissão: 22 de agosto de 1836

Fim da substituição sem desconto: 31 de dezembro de 1842 (ditas do 1º corte<sup>43</sup>, isto é, anteriores ao furto do Tesouro) e 30 de junho de 1860 (ditas do 2º corte<sup>44</sup>, isto é, posteriores ao furto)

Recolhidas: 7.674

Deixaram de vir ao troco: 31

Perderam o valor em: 1º de outubro de 1843 (1º corte) e 1º de abril de 1861 (2º corte)

42 Conforme consta na Iconografia do Meio Circulante, do Banco Central, 1972, p. 319, referente à cédula nº 149.

43 Corte apenas do lado esquerdo.

44 Corte do lado direito e do esquerdo.

Podemos, ainda, complementar essas informações:

Cédulas unifaciais

Cor: tinta preta sobre fundo branco

Método de impressão: gravura em metal (calcografia)

Não trazem a indicação da estampa

A numeração é manuscrita

Apresentam uma assinatura na parte inferior direita

Na parte superior central, temos uma Vista do Rio de Janeiro, possivelmente do final dos anos 20 do Século XIX<sup>45</sup>.

Inicialmente, foram recebidas oito mil cédulas do impressor. Até o ano de 1837, na Província do Rio de Janeiro, incluindo o Município da Corte, haviam sido emitidas mil cédulas de 500 mil-réis e outras mil aguardavam para serem emitidas, que foram inutilizadas por causa do furto do Tesouro. Para o Maranhão, foram enviadas duzentas cédulas de 500 mil-réis, que foram inutilizadas antes da emissão, o mesmo ocorreu na Província de Minas, com outros cem exemplares.

No lado direito, temos o Brasão Imperial com dezenove<sup>46</sup> estrelas, representando as Províncias do Império.

No lado esquerdo, em um medalhão, encimado pela Coroa Imperial, a menção ao Decreto de 1º de junho de 1833.

Dimensões: 200 mm X 135 mm

Catálogo: R067; P.A209

Grau de raridade<sup>47</sup>: Certamente uma das mais raras cédulas da coleção brasileira. Conhecemos apenas dois exemplares, um de cada tipo:

1º	Nº 44362 <sup>48</sup>	Coleção: Museu de Valores do Banco Central (primeiro corte)
2º	Nº 13945 <sup>49</sup>	Coleção: Museu Histórico Nacional <sup>50</sup> (segundo corte)

#### 4. Conclusão

A PB&P foi uma empresa inglesa, fundada por um estadunidense, constituída, inicialmente, para imprimir os bilhetes do Banco da Inglaterra e que, posteriormente, passou a imprimir para os bancos privados ingleses e do Império Britânico e também para outros países, como a Argentina, Brasil, Colômbia...

45 Fizemos uma comparação com uma pintura de Félix Émile Taunay (1795-1881), de 1828, intitulada "A Baía de Guanabara vista da Ilha das Cobras".

46 Esse número inclui curiosamente a Província Cisplatina (1817-1828).

47 É um indicativo muito mal utilizado nas obras sobre o assunto, além de ser controverso. Muitas das cédulas da PB&P impressas para o Brasil, existem apenas em museus ou nem mesmo neles, ou seja, JAMAIS a 99% apareceram no mercado.

48 Não temos certeza absoluta da numeração, mas trata-se de um exemplar pertencente ao *Museu de Valores do Banco Central*.

49 Aqui também não temos certeza, não tivemos a oportunidade de examinar o exemplar.

50 Reproduzida por *Julius Meili* (Parte III, do Meio Circulante), figura nº118, que pertencia então à Coleção do Ministro Miguel Arcanjo Galvão.

A empresa empregava novos métodos de impressão, sendo esse o seu diferencial no mercado. Com o passar dos anos, as técnicas não foram aperfeiçoadas, e as cédulas sofriam com a falsificação, chegando a ponto de obrigar a empresa a rever contratos e baixar preços.

Em relação ao Brasil, foram 35 anos de serviços durante o Regime Imperial (1835-1870) em que foram impressas quarenta e uma estampas.

Os motivos eram alegóricos, além do busto do Imperador D. Pedro II e imagens de cidades brasileiras. Desde a 1ª Estampa, temos gravuras do Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Todas apresentavam filigrana ou marca d'água, detalhe ausente em toda literatura sobre o assunto até o momento. Analisamos um pequeno número de cédulas que tínhamos disponíveis, motivo da ausência de mais detalhes.

O aparecimento de novas empresas no ramo e a falta de inovação da *PB&P* levaram à perda dos contratos com o Brasil.

Boa parte das informações, sobre essas emissões, nos chegaram através do trabalho minucioso do Conselheiro Galvão, antigo diretor do Tesouro Nacional e da Caixa de Amortização, e que nos foram legadas por *Julius Meili*, na Parte III, do Meio Circulante no Brasil, ou seja, no “*A moeda Fiduciária no Brasil*”, de 1903, tendo em vista que Galvão não chegou a publicar seu manuscrito, ora desaparecido, como mencionado.

A partir das cédulas da *PB&P*, o país passou a ser dependente das importações para suprir as encomendas de papel-moeda. Essa dependência permaneceu quase completa até o início dos anos 70, sendo que apenas nos anos 80 é que o papel de impressão também passou a ser fabricado localmente. Por tratar-se de indústria altamente especializada, a maioria das máquinas, com exceção das matrizes, ainda vem do exterior, por exemplo, das Organizações *Giori* de Lusanne, Suíça.

Como já tivemos a oportunidade de mencionar, por vezes ainda se faz necessária a importação de cédulas, devido a necessidades emergenciais e não supridas pela Casa da Moeda do Brasil.

O número total de cédulas impressas pela *PB&P*, para o Tesouro Nacional, de todos os valores e estampas reunidas, e efetivamente emitidas, atingiram a cifra de 50.304.392 (cinquenta milhões trezentos e quatro mil trezentos e noventa e duas) cédulas<sup>51</sup>. Um número muito pequeno se compararmos com as primeiras cédulas impressas pela ABNCo., por exemplo, a cédula de 5 mil-réis de 1869; apenas desse valor foram impressas 45.000.000 (quarenta e cinco milhões) de cédulas.

Se aquele número for comparado com o número de cédulas de 1 Cruzeiro produzidas pela Casa da Moeda do Brasil (CMB) que, diríamos, é o marco inicial da produção em série de cédulas pelo Brasil, ele é ínfimo diante dos quase dois bilhões de cédulas de 1 Cruzeiro de 1970 (temos, em relação às séries, o número impressionante de 1.816.200.000, ou seja, um bilhão oitocentos e dezesseis milhões duzentas mil cédulas).

De qualquer forma, essas foram, juntamente com as emissões do 1º Banco do Brasil, as precursoras da circulação fiduciária em massa no Brasil.

---

51 Devem ser considerados os dados demográficos da época e que boa parte da população era escrava. A população, em 1823, era de cerca de 5 milhões de indivíduos, em 1850 temos 8 milhões e em 1872 quase 10 milhões (fonte IBGE). Desde o início, as cédulas foram enviadas para as Províncias, não se restringindo ao Rio de Janeiro, como parece ser o caso das emissões do 1º Banco do Brasil.

## ANEXOS

Por favor ver páginas seguintes

### Bibliografia

- AMATO, Claudio Patrick *Et al.* **Cédulas do Brasil 1833 a 2011**. 5ª edição, 2011.
- AMATO, Claudio Patrick *Et al.* **Livro das Moedas do Brasil 1643 até o presente**. 12ª edição, 2015.
- CAVALCANTI, Amaro. **O Meio Circulante Nacional**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893.
- COARACY, Vivaldo. **O Rio de Janeiro no Século 17**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1944.
- GONÇALVES, Cleber Baptista. **Casa da Moeda do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Moeda do Brasil, 2ª Edição, 1989.
- HEATH, George. **Records of the Heath Family – 1744-1913**. London: George Heath private circulation, 1ª edition, 1913.
- Iconografia de Valores Impressos do Brasil**. Banco Central do Brasil. Brasília, 1979.
- LISSA, Violo Idolo. **Catálogo do Papel-Moeda do Brasil, 1771-1986, Emissões oficiais, bancárias e regionais**. 3ª edição, Brasília, Editora Gráfica Brasileira Ltda., 1987.
- MEILI, Julius. **O Meio Circulante no Brasil. Parte III – A Moeda Fiduciária no Brasil 1771-1900**, Zurique, Tipografia de Jean Frey, 1903.
- Museu de Valores do Banco Central do Brasil** – <http://www.bcb.gov.br/?red-museu>
- O Museu de Valores do Banco Central do Brasil**. São Paulo: Banco Safra, 1988.
- PICK, Albert. **Standart Catalog of World Paper Money - General Issues, 1368-1960**, 15 th edition, Edited by George S.Cuhaj, USA, 2014.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Contribuição ao Estudo da Evolução Urbana do Brasil (1500/1720)**, Editora da Universidade de São Paulo. 1968.
- REIS, Nestor Goulart. **Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: FAPESP, 2000.
- Relatórios do Ministério da Fazenda** (diversos)
- TRIGUEIROS, F. dos Santos. **Dinheiro no Brasil**. Rio de Janeiro: Leo Cristiano Editorial Ltda., 2ª edição, 1987.
- TRIGUEIROS, F. dos Santos. **Iconografia do Meio Circulante**. Vol. 8 das publicações oficiais do Sesquicentenário da Independência - Gerência do Meio Circulante - Banco Central do Brasil - 1972.
- VIEIRA DO AMARAL, José Vinicius. **Catálogo J. Vinicius de Cédulas do Brasil** (Cédulas do Brasil de 1773 á 1980), 1ª edição, 1981.
- WIKIPÉDIA (pesquisas diversas).

(\*) Marcio Rovere Sandoval  
E-mail: [marciosandoval@hotmail.com](mailto:marciosandoval@hotmail.com)  
Blog: <http://sterlingnumismatic.blogspot.ca>

**Anexo I – Quadro geral das emissões do Tesouro Nacional impressas pela PB&P (1835-1870)**

1.	1\$000 réis	1835-1862	1ª Est. PB&P.	170 mm X 90 mm	4.160.773	R010; P.A201
2.	2\$000 réis	1835-1847	1ª Est. PB&P.	175 mm X 91 mm	2.177.951	R017; P.A202
3.	5\$000 “	1835-1845	1ª Est. PB&P.	175 mm X 90 mm	1.368.123	R025; P.A203
4.	10\$000 “	1835-1845	1ª Est. PB&P.	185 mm X 115 mm	696.186	R034; P.A204
5.	20\$000 “	1835-1845	1ª Est. PB&P.	190 mm X 110 mm	297.904	R042; P.A205
6.	50\$000 “	1835-1843	1ª Est. PB&P.	200 mm X 110 mm	106.400	R050; P.A206
7.	100\$000 “	1835/6-1843/62	1ª Est. PB&P.	220 mm X 135 mm	41.949	R056; P.A207
8.	200\$000 “	1835/6-1843/62	1ª Est. PB&P.	195 mm X 130 mm	20.684	R061; P.A208
9.	500\$000 “	1835/6-1843/61	1ª Est. PB&P.	220 mm X 135 mm	7.705	R067; P.A209
10.	50\$000 “	1839-1857	2ª Est. PB&P.	195 mm X 115 mm	129.998	R051; P.A215
11.	10\$000 “	1840-1862	2ª Est. PB&P.	185 mm X 115 mm	699.992	R035; P.A213
12.	20\$000 “	1841-1848	2ª Est. PB&P.	195 mm X 117 mm	299.999	R043; P.A214
13.	5\$000 “	1842-1846	2ª Est. PB&P.	175 mm X 93 mm	699.996	R026; P.A212
14.	5\$000 “	1843-1862	3ª Est. PB&P.	185 mm X 95 mm	1.399.920	R027; P.A221
15.	1\$000 “	1844-1869	2ª Est. PB&P.	170 mm X 90 mm	4.199.993	R011; P.A210
16.	2\$000 “	1844-1869	2ª Est. PB&P.	175 mm X 91 mm	2.199.902	R018; P.A211
17.	20\$000 “	1844-1859	3ª Est. PB&P.	190 mm X 110 mm	300.000	R044; P.A223
18.	100\$000 “	1844-1847	2ª Est. PB&P.	200 mm X 130 mm	35.000	R057; P.A216
19.	200\$000 “	1844-1865	2ª Est. PB&P.	195 mm X 125 mm	28.000	R062; P.A217
20.	500\$000 “	1844-1861	2ª Est. PB&P.	215 mm X 130 mm	11.000	R068; P.A218
21.	50\$000 “	1848-1861	3ª Est. PB&P.	195 mm X 115 mm	129.997	R052; P.A224
22.	5\$000 “	1852-1867	4ª Est. PB&P.	188 mm X 95 mm	1.200.000	R028; P.A230
23.	10\$000 “	1852-1869	3ª Est. PB&P.	195 mm X 115 mm	699.948	R036; P.A222
24.	10\$000 “	1854-1870	4ª Est. PB&Co.	195 mm X 120 mm	2.000.000	R037; P.A231
25.	20\$000 “	1854-1862	4ª Est. PB&P.	190 mm X 110 mm	350.000	R045; P.A232
26.	100\$000 “	1856-1866	3ª Est. PB&P.	220 mm X 135 mm	60.000	R058; P.A225
27.	200\$000 “	1859-1865	3ª Est. PB&P.	200 mm X 135 mm	20.000	R063; P.A226
28.	500\$000 “	1859-1861	3ª Est. PB&P.	205 mm X 135 mm	5.000	R069; P.A227
29.	1\$000 “	1860-1865	3ª Est. PB&Co.	180 mm X 95 mm	6.006.000	R012; P.A219
30.	2\$000 “	1860-1872	3ª Est. PB&Co.	185 mm X 100 mm	4.301.990	R019; P.A220
31.	5\$000 “	1860-1868	5ª Est. PB&Co.	180 mm X 100 mm	3.200.000	R029; P.A237
32.	1\$000 “	1866-1878	4ª Est. PB&Co.	187 mm X 100 mm	4.000.000	R013; P.A228
33.	2\$000 “	1866-1876	4ª Est. PB&Co.	185 mm X 95 mm	4.000.000	R020; P.A229
34.	5\$000 “	1866-1870	6ª Est. PB&Co.	190 mm X 95 mm	2.500.000	R030; P.A240
35.	20\$000 “	1867-1885	5ª Est. PB&Co.	195 mm X 113 mm	1.000.000	R046; P.A239
36.	50\$000 “	1867-1876	4ª Est. PB&Co.	200 mm X 115 mm	700.000	R053; P.A233
37.	100\$000 “	1867-1883	4ª Est. PB&Co.	203 mm X 130 mm	350.000	R059; P.A234
38.	200\$000 “	1867-1881	4ª Est. PB&Co.	210 mm X 135 mm	18.000	R064; P.A235
39.	500\$000 “	1867-1883	4ª Est. PB&Co.	200 mm X 130 mm	50.000	R070; P.A236
40.	10\$000 “	1868-1885	5ª Est. PB&Co.	188 mm X 125 mm	500.000	R038; P.A.238
00.	5\$000 “	1869-1889	7ª Est. ABNCo.	178 mm X 70 mm	4.500.000	R031; P.A257
00.	10\$000 “	1869-1889	6ª Est. ABNCo.	197 mm X 83 mm	3.500.000	R039; P.A252
00.	1\$000 “	1870-1894	5ª Est. ABNCo.	168 mm X 72 mm	6.000.000	R014; P.A244
00.	2\$000 “	1870-1889	5ª Est. ABNCo.	170 mm X 75 mm	6.000.000	R021; P.A245
41.	20\$000 “	1870-1883	6ª Est. PB&Co.	196 mm X 113 mm	1.000.000	R047; P.A241
00.	\$500 “	1874-1910	1ª Est. ABNCo.	165 mm X 75 mm	6.000.000	R008; P.A242

No quadro, temos na seqüência: o valor da cédula; o período de circulação; a estampa e a abreviatura da empresa impressora; as dimensões da cédula; a quantidade emitida e a classificação no catálogo brasileiro e internacional.

## Anexo II - Outras vinhetas presentes nas cédulas impressas pela PB&P para o Brasil

### A. Brasão, Decreto, Coroa e Ordem Imperial



1



2

1. Brasão Imperial (1835)

2. Decreto de 1º de junho de 1833 (1835)



3



4



5

3. Coroa Imperial de D. Pedro II (1843)

4. Ordem Imperial do Cruzeiro (1844)

5. Decreto de 1º de junho de 1833 (1835)



## B. Alegorias



1



2

1. Alegoria da Cultura (1868)

2. Alegoria da Justiça (1868)



3



4



5

3. Alegoria das Artes (1868)

4. Alegoria da Justiça (1870)

5. Alegoria da Agricultura (1870)

## C. D. Pedro II



1



2



3



4



5



6

1. D. Pedro II (1835)
2. D. Pedro II (1848)
3. D. Pedro II (1860)
4. D. Pedro II (1866)
5. D. Pedro II (1867)
6. D. Pedro II (1868)

## D. Specimens



1. Specimen de 20 mil-réis (1870-1883) da 6ª Estampa com vista do Rio de Janeiro, gravura da PB&P. a partir da foto ou da litografia de Victor Frond. Podemos ver o canhoto da cédula indicando o valor, a série e a estampa.



2. Specimen de 10 mil-réis (1868-1885) da 5ª Estampa com busto de D. Pedro II, e outras vinhetas alegóricas (Cultura, Justiça e Artes) gravadas pela PB&P. Podemos, também, ver o canhoto da cédula indicando o valor, a série e a estampa.

# A CONQUISTA DO ESPAÇO PELOS MAMÍFEROS

Maurício Silva Soares - Biguaçú, SC (\*)

Sou colecionador de selos com o tema mamíferos. Nas minhas pesquisas, aqui e ali, acabei me deparando com um aspecto interessante: A conquista do espaço pelos mamíferos.

A história nos conta que em 12 de abril de 1961, o cosmonauta russo Yuri Gagarin deu uma volta completa em órbita ao redor da Terra a bordo da Vostok 1 (que, em russo, significa “Oriente”), sendo, assim, o primeiro humano a ir para o espaço.

Fato indiscutivelmente memorável, um marco na história humana, mas teria sido ele o primeiro mamífero a ir para o espaço? Realmente, não.

Como preparativos para o primeiro voo em órbita da terra, foguetes em voos suborbitais transportaram cães, macacos e coelhos (figura 1).



Figura 1 – Selo retratando o cão Otvazhnaya e o coelho Mar-fusha que fizeram um voo suborbital, em 2 de julho de 1959.

O primeiro mamífero a ir realmente para o espaço foi uma cadela chamada Laika. Ela foi lançada ao espaço a bordo da nave soviética Sputnik 2, em 3 de novembro de 1957 (figuras 2 a 4 e 20).

Laika morreu entre cinco e sete horas depois do lançamento, bem antes do planejado. A causa de sua morte, que só foi revelada décadas depois do voo, foi, provavelmente, uma combinação de estresse sofrido e o superaquecimento, talvez ocasionado por uma falha no sistema de controle térmico da nave. Apesar do acidente, essa experiência demonstrou ser possível para um animal suportar as condições de microgravidade, abrindo caminho para a participação humana em voos espaciais.

Em plena Guerra Fria, a Corrida Espacial era utilizada como forma de propaganda política. Assim, a morte da Laika a transformou em heroína e a Filatelia a imortalizou em dezenas de emissões.

Vários outros mamíferos foram lançados ao espaço desde então. Vamos nos ater, aqui, aos “mamiferonautas” para os quais encontramos emissões filatélicas.

Na sequência, tivemos o macaco Gordo. Como parte do programa espacial da NASA, Gordo (figura 5) foi lançado de Cabo Canaveral, em 13 de dezembro de 1958, num foguete Júpiter. O foguete viajaria mais de 2.500 km e atingiria uma altitude de 500 km antes de retornar à Terra e



Figuras 2 a 4 – Selos e inteiro postal, retratando Laika, primeiro mamífero no espaço.

pousar no Atlântico Sul. Um mau funcionamento técnico impediu que o paraquedas da cápsula se abrisse e, apesar das buscas, seu corpo e a cápsula nunca foram recuperados.



Figura 5 – Máximo postal, retratando o macaco Gordo.

de junho de 1959, quando se submetia a uma cirurgia para remover um eletrodo médico infectado, de uma reação à anestesia. Baker morreu em 29 de novembro de 1984, com a idade de 27 anos e foi enterrada no terreno do United States Space & Rocket Center, em Huntsville, Alabama. Able foi preservado e agora está em exibição no Museu Nacional do Ar e do Espaço da Smithsonian Institution. Os nomes deles foram obtidos do alfabeto fonético militar dos EUA.

Os cientistas que monitoraram o voo, descobriram que, além de uma ligeira desaceleração do pulso, Gordo não sofreu efeitos negativos da entrada no espaço ou da ausência de gravidade. Acredita-se que Gordo estava vivo no momento do impacto. Apesar da perda de Gordo, a missão foi considerada um sucesso pela NASA!

Em 28 de maio de 1959, a bordo do JUPITER AM-18, Able, um macaco rhesus, e Miss Baker (Figura 6), um macaco esquilo, realizaram uma missão bem sucedida. Able morreu em 1º

Em 4 de dezembro de 1959, Sam (figura 6), um macaco rhesus, voou no Little Joe 2, no programa Mercury a 53 milhas de altura.



Figura 6 – Miss Baker (encima) e Sam.

Em 19 de agosto de 1960, foram lançados os cães<sup>1</sup> Belka e Strelka que passaram juntos um dia no espaço a bordo do Sputnik 5 (figuras 7 a 9).



Figuras 7 a 9 – dois Inteiros postais e selo, retratando Belka e Strelka.

Os cães Pchelka e Mushka passaram um dia em órbita a bordo do Sputnik 6, em 1º de dezembro de 1960 (figuras 10 e 12). Devido a um erro de navegação, sua cápsula se desintegrou durante a reentrada na atmosfera, em 2 de dezembro; ambos morreram.

A NASA enviou, em 31 de janeiro de 1961, o chimpanzé Ham a bordo de um foguete Mercury-Redstone (figuras 13, 14 e 20). Ham foi treinado para acreditar que estava controlando a nave espacial. O bravo animal retornou à Terra são e salvo e foi muito bem recompensado, vivendo por mais 17 anos no Zoológico Nacional de Washington.

1 Estaremos chamando de cães todos os cães com nomes russos, sem saber, pelos nomes, se são machos ou fêmeas.





Figuras 10 a 12 – Blocos comemorativos, retratando a dupla Veterok e Ougolyok e a dupla Ptchelka e Mushka.



Figuras 13 e 14 – Blocos comemorativos, retratando o chimpanzé Ham (nos dois blocos) e a Miss Sam (apenas no da direita).

O cão Chernushka fez uma órbita no Sputnik 9, em 9 de março de 1961, retornando em segurança (figura 15).

O cão Zvionozhka fez um voo no Sputnik 10, em 25 de março de 1961. Foi o último voo antes do histórico voo de Gagarin. Pousou incólume (figura 16).

Os Cães Veterok e Ougolyok decolaram, em 22 de fevereiro de 1966, a bordo do Cosmos 110 e ficaram 22 dias em órbita, retornando em 16 de março. Esse registro, de duração em órbita, não foi excedido até junho de 1973, pela Skylab. Ainda é o mais longo período de permanência de cães no espaço (figuras 10, 11 e 17)



Figuras 15 a 17 – Chernushka, Zvionozhka e dupla Veterok e Ougolyok

Em 18 de outubro de 1963, o Centre National d'Études, na França, se preparou para mandar um pequeno gato chamado Félix para o espaço. Depois de ficar para trás dos competidores soviéticos e americanos, o país estava ansioso em alcançar seu lugar na corrida espacial. Para fazer diferente, idealizaram mandar um gato. Mas, na hora do almoço, o gato Félix fugiu, e uma heroína acidental apareceu para tomar seu lugar. A ela foi dado o nome Félicette. (figura 18 a 20).



Figuras 18 e 19 – bloco comemorativo e selo, retratando Félicette. Observar que, erroneamente, chamaram o gato de Félix. Observar, também, o uso de coelhos.





Figura 20 – bloco comemorativo, retratando Ham, Laika e Félicette.  
Observar, também, o uso de ratos.

Em 24 de outubro de 1963, Félicette subiu 210 quilômetros acima da Terra, no foguete francês Véronique AG1, voando alto no deserto do Saara argelino. Ela voltou quinze minutos depois, já condecorada como heroína de sua nação.

Muitos outros animais participaram de voos espaciais. Aliás, é uma lista extensa e sabemos que muitos defensores dos animais não apoiariam a inclusão de tantos animais em voos experimentais.

Enfim, agradeço a quem puder colaborar, informando sobre a existência de outras emissões de selos e blocos, carimbos, inteiros postais, etc. Será uma ótima contribuição para minha pesquisa.

(\*) Maurício Silva Soares  
E-mail: mss1971@floripa.com.br

Reuniões regulares da **AFSC**  
Quintas-feiras, a partir das 18 horas  
Sábados, a partir das 14h30min

**PARTICIPE!**

Se você não é associado da AFSC, venha fazer parte de nossa Associação.  
Procure um de nossos Diretores,

ou através do site **[www.afsc.org.br](http://www.afsc.org.br)**

## *La Donna nell'Arte* *(A Mulher na Arte)*

Hugo Nestor Ciavattini - Palhoça, SC (\*)

No seu princípio, a emissão de selos se compunha de temas que tinham, principalmente, como destaque, os feitos do mundo masculino. Por muito tempo, temas como maternidade, família, saúde, a mulher profissional, a mulher no esporte, na política e mais tantos outros eram tratados superficialmente ou nem mesmo abordados.

Havia a ideia de transmitir, por selos, uma mensagem mais informativa. Por isso, as mulheres não viam seus encantos e feitos contados na filatelia.

Entretanto, a sociedade vem mudando seus valores, ampliando conceitos e julgamentos. Um exemplo de mudança nos vem da Itália, mais precisamente, dos Correios que emitiram uma longa série de selos ordinários dedicados às mulheres.

Era 1995. A necessidade de novos selos levou os Correios a programarem uma nova emissão ordinária que substituiria a monótona série, com dezoito anos em circulação, retratando os castelos da Itália.

Em 1998, ficou decidido: a nova série seria uma homenagem à mulher na arte – “La Donna nell’arte” - ou seja, dedicada às figuras femininas retratadas em obras de arte produzidas, na Itália, em todos os tempos.

A ideia de emitir selos a partir de obras de arte, representando figuras femininas, foi inspirada na concepção de que elas, mulheres, marcaram a arte, simbolizando muitas vezes momentos fundamentais da história da Itália.

A seleção das obras a serem usadas teve como base os critérios estético, histórico-cultural e geográfico.

Assim, com tecnologia avançada e fina impressão de gosto clássico, foi emitida, em 08/7/1998, a primeira série de “La Donna nell’arte”, composta por cinco selos cujos valores faciais, expressos em liras, foram: L.100, L.450, L.650, L.800 e L.1.000.



Os selos, sem exceção, representam parcialmente uma figura feminina – seu busto – com uma decoração estilizada feita com espigas de trigo, ramos de oliveira e brotos de videira, produtos que, além de tradicionais na Itália, têm grande força simbólica: o trigo é o símbolo da fartura, a oliveira simboliza a vitória do bem e a videira, a fecundidade.

Como resultado, essa primeira série foi bem sucedida não só por sua aparência elegante,

mas também pela coerência de seu tema.

No selo de L.100, a figura feminina foi inspirada na arte etrusca, na pintura mural “La fanciulla Velca”, onde está retratada Velia Spurina, uma jovem senhora rica que venceu corajosamente a morte – o demônio etrusco.

No selo de L.450, a inspiração veio de uma das figuras femininas do afresco “Il banchetto di Erode” – “Banquete de Herodes” do pintor renascentista Filippo Lippi ou, simplesmente, Lippo Lippi. A obra reproduz uma passagem bíblica – o aniversário de Herodes. A escolha da figura se deu, talvez, pela atitude da personagem, que parece atônita diante dos fatos que ocorrem durante a festa. Suas expressões faciais, bem marcadas, não deixam dúvidas: a preocupação e a ansiedade são perceptíveis.

No selo de L.650, a inspiração veio da obra “Profilo femminile” – “Retrato de uma jovem senhora” de Piero del Polaiolo. Não há certeza de quem seja a mulher retratada mas por suas roupas, joias e penteado, trata-se de uma senhora de família nobre.

No selo de L.800, supostamente, está retratada Madalena Strozzi, uma mulher nobre, muito jovem, esposa de Angelo Doni. Ela é descrita com atributos de santa. A obra inspiradora do selo foi “Donna con liocorno” – “Senhora com unicórnio”, de Raffaello Sanzio.

No selo de L.1.000, a inspiração veio de um trabalho, em mármore, do escultor Gian Lorenzo Bernini, “Constanza Buonarelli” – “Busto de Constanza Buonarelli”. De família nobre de Siena, Constanza se casou muito cedo e seu marido trabalhava para Bernini. Linda, lábios sedutores, cabelos revoltos, Constanza transpirava sensualidade e energia, despertando paixões. Bernini se apaixonou por Constanza. Constanza era uma mulher moderna. Ela quebrou todas as regras impostas às mulheres de seu tempo – Século XVII.

Há ainda, a emissão de um cartão postal, tipo inteiro postal, com o valor facial de L.800, pertencente à série “La Donna nell’Arte”, que traz como estampa Lucrezia Panciachi. A inspiração veio da pintura de Agnolo di Cosimo, Bronzino, “Retrato de Lucrezia Panciachi”. Lucrezia era uma bela mulher que frequentava a elite florentina. Era muito religiosa mas sua personalidade forte a levava viver num mundo emocional dramaticamente não resolvido.



A segunda emissão da série “La Donna nell’arte” data de 1999. Em processo de integração da comunidade europeia à nova moeda, o Euro, os selos apresentavam seus valores faciais em duas moedas: Lira e Euro. Assim, temos: L.100/€0,05, L.450/€0,23, L.650/€0,34, L.800/€0,41 e L.1.000/€0,52. Quanto às estampas dos selos, elas são uma simples reedição da primeira série.



Nos dois anos seguintes (2000 e 2001), não há emissão de selos da série “La Donna nell’arte”.

Somente em 2002, com a introdução do Euro, os Correios vão emitir mais selos com novas estampas de figuras femininas. Essa terceira emissão é composta por sete selos, dos quais três – os de valores faciais: €0,05, €0,23 e €0,41c –, são remanescentes da segunda emissão, sendo mantidos os valores e estampas originais. Datada de janeiro de 2002, a terceira emissão, além dos remanescentes, apresenta selos nos valores faciais de €0,02, €0,10, €0,50 e €0,77.



A estampa do selo de valor facial de € 0,02 teve sua inspiração na moeda circulada em Siracusa – capital de Sicília –, no Século V a.C. A moeda retrata Aretusa, uma ninfa da mitologia grega que faz parte do cortejo de Artemis, deusa da caça. Eumenes, medalhista e gravador de Siracusa, foi o responsável pelo desenho da moeda. A escolha de Aretusa para integrar a série “La Donna nell’arte”, talvez, tenha sido feita pela fama do significado das lendas mitológicas que envolvem seu nome.

O selo de €0,10 traz estampado um detalhe de uma estátua feminina – o busto de Proserpina –, em mármore, que data do Século III a.C. pertencente, talvez, a um templo da localidade de Luceria.

A obra “Retrato de uma jovem mulher” ou “Antea”, pintado por Parmigianino, foi inspiração para a estampa do selo de valor facial de €0,50. Antea era uma jovem cortesã romana, sempre enamorada e de olhar intenso, que lhe dava muito charme e alegria.

O selo de €0,77 teve como inspiração uma personagem da pintura renascentista de Sandro Botticelli chamada “Primavera”, conhecida, também, como “Alegoria da Primavera”. A obra retrata um grupo de figuras mitológicas num jardim. O personagem inspirador é Flora que, depois de fecundada por um suspiro, transformou-se na Primavera. Flora é a personificação dessa estação do ano.

Ainda em 2002 – março –, foram emitidos novos valores da série ordinária “La Donna nell’arte” com o intuito de fornecer mais complementos de postagem. Surgiram os valores de €0,01, €0,03 e €0,20.



O selo de €0,01 teve sua estampa inspirada no trabalho do escultor Antonio Canova, mais precisamente, na série de esculturas chamada “Ebe”. Há quatro versões da estátua, todas feitas a pedido.

Em mármore branco, a obra retrata a graciosa divindade da eterna juventude, chamada Ebe, filha de Zeus e Hera.

O selo de valor facial €0,03 teve sua estampa calcada no afresco de Piero della Francesca, chamado “Adoração da madeira sagrada e o encontro de Salomão com a Rainha de Sabá”. Na obra, a Rainha vai até Salomão para ouvir sábias palavras e falar sobre profecias. A Rainha de Sabá é a personagem retratado no selo de €0,03.

O selo de valor facial €0,20 teve sua estampa inspirada numa pintura renascentista de Correggio, chamada “Danae”. O quadro retrata a figura mitológica grega Danae – filha de Acrisius, rei de Argus e Eurídice –, por quem Zeus se apaixonou e, transformando-se em chuva de ouro, engravidou a jovem. Esse mito pode ser interpretado como a chuva a fertilizar o solo com seus pingos. Danae seria a terra ávida por umidade.

Em 2003, não houve emissão de selos da série “La Donna dell’arte” com novas estampas de mulheres. Somente algumas reimpressões de alguns valores editados anteriormente.

Em 2004, a atualização das tarifas exige que sejam emitidos novos selos com valores que atendessem à demanda. Consequentemente, novas estampas também seriam exibidas.

Assim, entre janeiro e julho de 2004, último ano de emissões para série “La Donna dell’arte”, foram editados selos com os seguintes valores faciais: €0,45, €0,65, €0,70, €0,85 e €0,90.



A estampa do selo de valor facial de €0,45 teve como modelo um trabalho de Ticiano Vecellio, chamado “Venere di Urbino” – “Vênus de Urbino”. O personagem da pintura, Vênus, não é uma simples mulher mas uma deusa muito jovem e de beleza inigualável cujo o olhar sensual parece um convite ou uma indicação de que a adolescente já foi conquistada.

Quanto à estampa do selo de valor facial de €0,65, foi calcada numa figura do afresco de Pisanello (Antonio di Pucci Pisano). Obra que, ainda hoje, está parcialmente preservada numa igreja de Verona. O afresco, que é composto de duas partes, chama-se “San Giorgio e la principessa de Trebizonde” – “São Jorge e a princesa de Trebisonda”. O afresco reproduz um trecho da lenda “São Jorge e o dragão”, mais precisamente, o momento antes do santo ir para o mar matar o dragão, livrando a princesa, filha do Rei, de ser devorada. A personagem referência chama-se Teodora Comnena, filha do Imperador Manuele I de Trebisonda. Valente, a princesa enfrentou inimigos e comandou um exército para libertar Trebisonda. Tornou-se Imperatriz de Trebisonda (1284 – 1285).

O selo de valor facial de €0,70 teve sua estampa inspirada na obra de Giambattista Tiepolo, chamada “Nettuno offre doni a Venezia” – “Netuno oferece presentes à Veneza”, na única personagem feminina vista na alegoria. Na pintura, Veneza é uma mulher muito rica, bem vestida, a quem Netuno presenteia com ouro e joias trazidos do mar.

O selo de valor facial de €0,85 teve sua estampa calcada na pintura a óleo sobre madeira de Vittore Carpaccio, chamada “Due Dame” – “Duas senhoras venezianas”. A obra também conhecida como “Duas cortesãs”, hoje se sabe, é parte do painel “Caça na Laguna”. A pintura reproduz um momento comum na vida de duas mulheres: elas aguardam, sentadas e distraídas,

num terraço, não se sabe exatamente o quê. As “senhoras” do quadro têm idades diferentes. A mais jovem foi escolhida para ilustrar o selo de €0,85.

A estampa do selo de €0,90 foi produzida a partir da pintura “Venere e Marte legati da Amore” – “Vênus e Marte ligados pelo amor” do artista renascentista Paolo Caliari, dito Veronese. A pintura (ao lado) tem como assunto o amor. O amor entre Vênus e Marte, isto é, entre a deusa da beleza e do amor e o deus da guerra. A escolha dessa deusa para a estampa de um selo, talvez, tenha sido feita pela sensação de alegria, juventude, luminosidade e frescor expressos pela figura de Vênus.



A realização desta pesquisa – que certamente não está completa – tem dois objetivos: o primeiro, mostrar mulheres, fruto da imaginação de artistas ou verdadeiras – de carne e osso – que têm história de vida eternizada numa obra de arte. O segundo, mostrar a presença, marcada pela simplicidade e bom gosto, dos Correios da Itália na valorização das mulheres.

### Referências:

Wikipedia.it

Giandri.altervista.org

(\*) Hugo Nestor Ciavattini  
E-mail: anconanestor@gmail.com



## AFSC 80 Anos

Neste 6 de agosto de 2018, estamos comemorando 80 anos da fundação da AFSC. Um pequeno grupo de filatelistas entusiastas fundou, em 1938, então com o nome de ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA DE SANTA CATARINA, a associação que hoje, em contínuo crescimento, reúne colecionadores de varias modalidades.

A Diretoria da AFSC parabeniza associados e colaboradores, desejando a todos sucesso, trabalhando para o futuro do colecionismo.

**Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina**



**Desconto de 15%**  
(nos produtos da loja)  
**para pedidos  
por email ou  
WhatsApp.**

**Selos - Ricardo Dal Pasqual**

Loja: [stores.ebay.com/selosricardo](https://stores.ebay.com/selosricardo)

41 988055665 

[ricardo@dalpasqual.com.br](mailto:ricardo@dalpasqual.com.br)

## Agência postal do Ribeirão da Ilha

Luis Claudio Fritzen - Florianópolis, SC

**Ribeirão da Ilha** é um distrito da cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina. Foi criado por Alvará Régio, datado de 11 de julho de 1809. Sua sede foi elevada à categoria de Vila, pelo Decreto-lei estadual n. 86, de 31 de março de 1938.

Ali se encontra o ponto culminante da Ilha de Santa Catarina: o Morro do Ribeirão, com 650 metros de altitude, de cujo cimo é possível descortinar a Baía Sul, parte do Sertão do Peri e as montanhas do extremo Sul do Maciço do Cambirela, no continente, em toda sua plenitude.



Ribeirão da Ilha - foto Victor E. Carlson

O distrito destaca-se, atualmente, como o maior produtor de ostras do Brasil.

Sua sede é a chamada Freguesia do Ribeirão. As outras localidades do distrito, que possui uma área total de 123 km<sup>2</sup>, são: Alto Ribeirão, Barro Vermelho, Caiacanga, Caieira da Barra do Sul, Carianos, Costeira do Ribeirão, Praia dos Naufragados, Praia da Tapera e Sertão do Peri.

O Ribeirão da Ilha é o segundo distrito mais antigo de Florianópolis, depois de Santo Antônio de Lisboa. Ali se preservam tradições como a Festa de Nossa Senhora da Lapa, a produção das rendas de bilro, das canoas e baleiras, dos balaio e cestos de cipó.

O centro histórico, sede da antiga Freguesia, é um dos mais antigos núcleos de colonização açoriana, fundado no Século XVIII. O cenário é expressão da arquitetura colonial portuguesa, constituído pelas casas geminadas, alinhadas na rua fronteira ao mar e dispostas ao redor da pracinha, tendo a igreja na cabeceira. A Igreja de Nossa Senhora da Lapa, Sé da Paróquia, foi inaugurada em 1806, construída pelos senhores e seus escravos, em alvenaria de pedra, cal e azeite de baleia, vindo da Armação. Faz parte de um conjunto arquitetônico preservado por lei municipal de 1975.



Distante cerca de 30 km do centro de Florianópolis, sempre foi importante núcleo populacional. O acesso ao Ribeirão da Ilha, que hoje se faz pela Avenida Baldicero Filomeno, era precário até meados do século passado. Havia apenas uma trilha, para carroças e cavalos, que se tornava intransitável em dias de chuva. Nessas ocasiões, o transporte se dava por meio de barcos. Da época em que o mar encurtava distâncias, desde o Século 17 (a partir de 1650), há referências sobre um caminho sinuoso entre a orla da baía mansa e a encosta protegida pela mata atlântica. Carros de boi e carroças chegavam à Freguesia, onde o estreitamento da trilha permitia apenas a caminhantes ou cavaleiros seguirem até a Caieira da Barra do Sul e à praia ou ao Farol de Naufragados. A primeira estrada para veículos foi aberta, somente, em 1955, na época, até a Praça da Igreja Nossa Senhora da Lapa, mantendo o traçado original do caminho histórico desde o Saco dos Limões e a Costeira do Pirajubaé. No mesmo período, os ônibus da empresa Ribeironense começaram a fazer linhas até o centro de Florianópolis. Mais longo que o atual, o caminho seguia via Fazenda e Porto do Rio Tavares, descia para o Campeche, nas imediações da Lagoa Pequena, contornando o areal da orla, “por terra enxuta”, até Morro das Pedras, na atual SC-406, ou rodovia Francisco Tomás dos Santos. De lá, a Leste do Maciço do Peri, em direção ao mar aberto, chegava-se ao Pântano do Sul, ou a Oeste, contornando a baía, à Freguesia do Ribeirão. Outra opção para veículos motorizados era o Caminho dos Careanos que contornava o manguezal entre a Costeira e a Tapera, até o Canto do Rio, ou do Candonga, e depois à Freguesia, antes mesmo da instalação da Base Aérea de Florianópolis, em 1928.

Nesse paradisíaco local, funcionou, em meados dos anos 40, uma Agência dos Correios. Sabemos disso, pois nos chegou às mãos um fragmento de envelope, datado de 22 de fevereiro de 1944.



Não existem dados de quando a agência começou a funcionar, nem quando foi extinta. Suas marcas postais são raras, tanto que no recenseamento de 1950 havia, naquela localidade, apenas 975 habitantes (461 homens e 514 mulheres).

Segundo conversas com antigos moradores locais, funcionava, no centro da freguesia, a Agência Postal, e na localidade de “Caiaçanga”, um pequeno posto, para receber e distribuir correspondências. Não havia carteiro ou entrega domiciliar. Os avisos de que “*havia carta*”, eram repassados oralmente e o destinatário ou seu familiar fazia a retirada.

Ninguém soube informar sobre a mala postal, mas a probabilidade é de que o transporte terrestre se realizava em burros ou cavalos. Muito excepcionalmente, o transporte era feito por barcos.

## Conflitos e Coleccionismo

Roberto Michetti Moreira - Garopaba, SC (\*)

O Século XIX foi sem sombra de dúvida um dos períodos mais transformadores na história de nosso país, tanto político, econômico quanto socialmente. Em menos de cem anos passamos de “Colônia” à “República”, abandonando o antigo STATUS QUO de possessão ultramarina portuguesa em terras americanas. Em meio a transformações, o território foi convulsionado por inúmeros levantes sociais com as mais diversas reivindicações. Dentre tais levantes podemos destacar a Confederação do Equador, Revolução Farroupilha, Cabanagem, além de conflitos desenrolados em terras platinas como Guerra da Cisplatina, Campanha contra Rosas e Oribe, Intervenção no Uruguai, e o principal, a Guerra do Paraguai (segundo maior conflito das Américas). Vale ressaltar que, por mais trágicos que tenham sido, tais conflitos estão diretamente ligados ao “coleccionismo”, pois motivaram a produção, durante e após os combates, de uma gama de itens colecionáveis como medalhas, condecorações, documentos, troféus entre outros.

Dentre os itens acima, daremos destaque aos troféus de guerra e medalhas alusivas a tais conflitos, pois os mesmos, além de altíssima carga histórica, rememoram grandes feitos do passado, glorificando aqueles que os conquistaram doando sangue e suor em favor de suas pátrias.



Imagem 1: (acervo particular de Roberto Michetti Moreira)  
Medalha da Campanha do Uruguai ou Campanha contra Rosas e Oribe 1851-1852, foi instituída pelo governo imperial pelo Decreto 932 de 14 de Março de 1852 para o exército sob o comando do então Conde de Caxias.



Imagem 2: (acervo particular de Roberto Michetti Moreira)  
Medalha da Campanha do Paraguai, instituída pelo Decreto 4.560 de 06 de Agosto de 1870. Criada após o término da guerra, tal medalha possui uma particularidade: foi cunhada com o bronze de canhões capturados dos inimigos, sendo assim considerada um troféu de guerra com altíssimo valor histórico.

### Referências

<http://www.mpmilitaria.com.br/produtos.asp?produto=5354>

<http://www.schmidtantiguidades.com.br/produto/k028-medalha-da-campanha-do-paraguai>

(\*) Roberto Michetti Moreira  
E-mail: [casadaarte@ymail.com](mailto:casadaarte@ymail.com)


# Pires Filatelia

SELOS PARA COLEÇÕES  
[www.piresfilatelia.com.br](http://www.piresfilatelia.com.br)



Dispomos de material temático:  
Fauna, flora, escotismo, astronáutica  
esportes e variedades destes temas

E-mail: [lpneto56@gmail.com](mailto:lpneto56@gmail.com)

Telefone: (41)99237-6909 (VIVO) 

Curitiba / PR

# Bilhetes Postais comemorativos da 6ª Feira Internacional de Amostras do RJ e créditos fotográficos

Demétrio Delizoicov Neto - Florianópolis, SC (\*)

## Introdução

As Feiras Internacionais de Amostras ocorridas na década de 1930, no Rio de Janeiro, tiveram como finalidade:

*“exibir na Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro, sob a legenda - “Industria Brasileira” - prospectos industriais com catalogos e fotografias dos referidos artigos e, bem assim, amostras dos mesmos quando facilmente transportaveis, a juízo da Municipalidade.”*  
(art. 8º, do decreto n.º 8.592, de 8 de março de 1911).

Dois outros decretos da década de 1930 - o n.º 21.104, de 26/02/1932 e o n.º 22.440, de 8/02/1933 - atualizam esse decreto de 1911. Entre outras modificações ocasionadas por esses dois decretos, destaca-se o de n.º 21.104 que *“obriga o comparecimento à Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro de todas as firmas nacionais ou estrangeiras, que concorrem ou pretendam concorrer aos fornecimentos à Administração Pública”*.

Assim, as Feiras Internacionais de Amostras tiveram, além das finalidades enunciadas nos extratos desses decretos, também, um papel na promoção da produção de empresas nacionais.

Os Correios do Brasil divulgaram Feiras Internacionais de Amostras do Rio de Janeiro, na época, Distrito Federal – Capital do Brasil -, com quatro emissões filatélicas, todas ocorridas na década de 1930:

1 - A emissão de divulgação da 7ª Feira, de 1934, através de uma série de quatro selos comemorativos lançados em 1934, com os valores de 200 réis, 400 réis, 700 réis e 1000 réis (série RHM C-66 a C-69);



2 - A emissão de divulgação da 8ª Feira, de 1935, através de um selo comemorativo lançado em 1935, com o valor de 200 réis (RHM C-99);



3 - A emissão de divulgação da 9ª Feira, de 1936, com um selo comemorativo lançado em 1936, com o valor de 200 réis (RHM C-111);

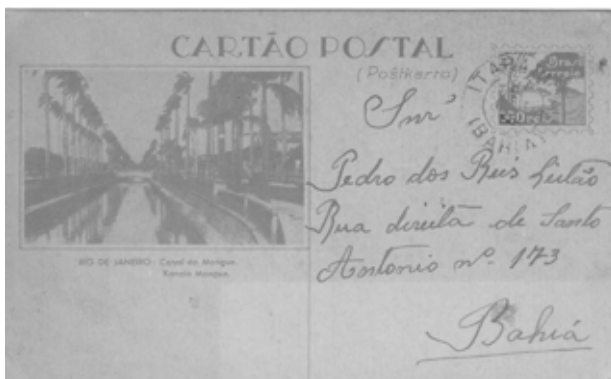


4 - A emissão, objeto principal deste artigo, de divulgação da primeira das feiras homenageadas pelos Correios, a 6ª Feira, ocorrida em 1933. Ao invés de selos, essa emissão constitui-se de uma série de Bilhetes Postais (BP), lançados em 1933. Essa feira também foi divulgada através de uma franquia mecânica, conforme se pode notar na figura a seguir.



## Os bilhetes postais com vistas do Rio de Janeiro

Nesses bilhetes postais (BPs) são apresentadas vistas de vários locais do Rio de Janeiro. Foram emitidos 20 BPs. No anverso de cada BP foi impressa, na metade do lado esquerdo, a foto de uma determinada localidade - totalizando 20 fotos diferentes em toda a série -, com a respectiva legenda, escrita em Português e em Esperanto; no canto superior direito está impresso um selo no valor de 100 réis, cuja ilustração também representa uma vista do RJ. Nota-se, como pano de fundo desse selo, o desenho da Enseada de Botafogo e do Pão de Açúcar. O restante do espaço do lado direito do anverso é destinado ao endereçamento postal. O verso é isento de impressão e pode ser usado para registrar a mensagem.



Curiosamente, o crédito das fotos usadas para a impressão desses BPs não está impresso em nenhum deles. Esse aspecto, na verdade, foi um dos motivos pelo qual resolvi escrever o artigo.

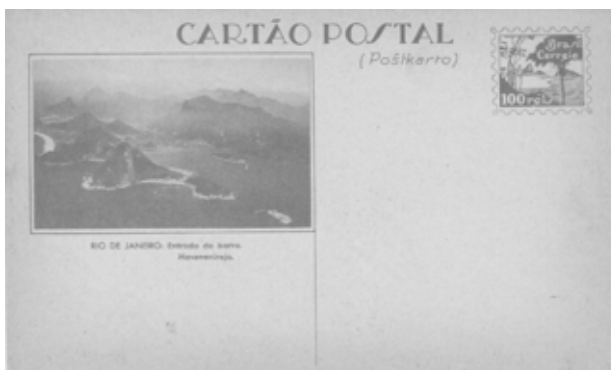
As fotos impressas nos BPs divulgam, ou antes, fazem propaganda turística, de várias localidades do RJ, explorando os seguintes aspectos como foco:

**Construções/prédios históricos:**

Pavilhão Central da Exposição Feira de Amostras, Câmara dos Deputados, Canal do Mangue, Igreja de N. S. da Penha, Igreja e Jardim da Glória, Palácio Guanabara, Palácio Monroe, Pavilhão Mourisco, Teatro Municipal, Vista do Cais do Porto. Ao lado, um exemplo.



**Paisagens naturais:** Entrada da Barra, Gruta da Imprensa e Gávea, Corcovado e Pão de Açúcar, parte da Enseada de Botafogo e Pão de Açúcar, parte da Enseada de Botafogo (sem o Pão de Açúcar), Praia de Botafogo. Segue um exemplo.



**Praças e jardins:** Jardim da Praça Paris, Praça Floriano, Praça Floriano e Avenida Rio Branco, Praça Paris. Ao lado, um exemplo.



Esses BPs circularam tanto internamente, a grande maioria nos anos 1933 e 1934, como também para o exterior. Os enviados para outros países tiveram selos adicionados, para a complementação de porte.

### Ausência de crédito ao fotógrafo no BP

Todas as fotos teriam sido devidas a um único responsável? As fotos teriam sido providenciadas pela própria empresa (ou editora) contratada para a impressão? Qual seria o motivo para que não se imprimisse o nome do autor de cada foto?

Segundo informação constante no Catálogo RHM de 2010, 57ª edição, p. 309, a empresa contratada para a produção da série foi a Pimenta de Mello e Cia - RJ, que não é citada em nenhum dos BPs das vistas do RJ. Trata-se de uma editora fundada em 1845, pioneira na impressão de revistas em offset e que desenvolveu suas atividades até 1937. No mesmo período, e até antes dos BPs relativos à 6ª Feira, Inteiros Postais (IPs), contendo fotos reproduzidas, foram emitidos pelos Correios de outros países. Apenas alguns deles traziam os nomes dos responsáveis pelas fotos. Uma busca aleatória em catálogos de leilões internacionais, bem como em sites de venda de material filatélico, que ofertam IPs dos primeiros decênios do século XX, até os anos 1940, indicou a ausência de algum crédito devido aos autores das fotos impressas nos IPs originários da maioria dos países, localizados em todos os continentes.

A situação, parece ser, então, não só curiosa como estranha. Quais critérios determinaram que alguns países informassem o crédito e outros não?

Além disso, a prática de se fornecer (imprimir) o crédito, parece ser a norma em cartões-postais, inclusive naqueles com fotos sobre o Brasil e enviados ao Brasil, diferentemente do que ocorreu com os BPs, conforme pode ser notado nos exemplares das figuras a seguir.



Cartão-postal. Editado pela Edition de la Mission Brésilienne de Propagande - Paris.



Cartão-postal. Editado pela empresa Ramiro M. Costa & Filhos.

O livro *O Rio de ontem no Cartão-Postal 1900 – 1930* (BERGER, 1986) e o *Postaes do Brazil* (VAZQUES, 2002) fazem interessantes estudos de postais editados, respectivamente, nos períodos 1900 – 1930 e 1893 a 1930, nos quais se encontram cópias impressas de cartões-postais que dão o devido crédito, na grande maioria, ao editor do postal ou a uma empresa fotográfica. Nesses casos, dado o caráter comercial do cartão, é possível inferir que o editor ou empresa pode ter negociado as fotos com os seus autores.

De fato, os direitos autorais do fotógrafo, naquele período da emissão dos BPs das vistas do RJ, não eram garantidos por lei. A exigência de direitos autorais para fotos parece ter se originado após a Segunda Guerra Mundial, período em que foi significativo o envolvimento de alguns fotógrafos, principalmente franceses, que, em 1947, fundaram a Agência Cooperativa Magnum, a primeira do gênero, com a finalidade de discutir trabalhos, aprofundar reportagens e lutar pelos seus direitos sobre a imagem fotográfica.

No Brasil, os créditos de fotografias passaram a ser obrigatórios a partir da Lei de Direitos Autorais nº 9.610 de fevereiro de 1998 (LDA), que protege a criação da pessoa e o vínculo existente entre o autor e a obra, garantindo basicamente dois direitos ao fotógrafo: o direito moral e o patrimonial. Depreende-se, pois, que, anteriormente a essa lei, nenhuma editora ou instituição pública ou privada, que publicasse algo com fotos, para qualquer finalidade, estivesse obrigada a dar algum crédito. A informação, portanto, do responsável pelas fotos, o editor (ou impressor) ou o fotógrafo, em período anterior ao da lei, ocorria por outros motivos. Em alguns casos, talvez, para publicidade do responsável pelo impresso ou pela foto; para o caso de algum cartão-postal, como uma “assinatura” em obra de arte. É possível que a nomeação impressa no cartão-postal tenha tido algum impacto na potencialização do valor de venda do cartão. Destaca-se nesse particular artístico, o fotógrafo Guilherme Gaensly. Nascido na Suíça (1º/9/1843), Gaensly atuou no Brasil desde 1877, primeiramente na Bahia, vindo a falecer em São Paulo (20/6/1928). Foi paisagista do estado de São Paulo, tendo sido um dos mais produtivos autores de cartões-postais da cidade de São Paulo, entre 1885 e 1925.



Cartão-postal. Crédito ao fotógrafo Guilherme Gaensly, fornecido no canto inferior esquerdo.





Cartão-postal. Crédito ao fotógrafo Guilherme Gaensly, fornecido no canto inferior esquerdo.

Ainda que a argumentação do parágrafo anterior possa ter alguma plausibilidade, é certo que são apenas conjecturas. Portanto, pesquisa bibliográfica mais refinada precisa ser realizada, para, por exemplo, elucidar a autoria das fotos impressas nos BPs com vistas do RJ. Não poderia deixar de encerrar o artigo sem informar que no levantamento inicial e aleatório de dados que foi realizado não encontrei, também, nada sobre créditos de fotos usados nas emissões dos Correios da série seguinte à dos BPs de vistas do RJ, a de 1934, referentes a vistas do País. Esses BPs foram, inclusive, objeto de divulgação pelos Correios, através de uma franquia mecânica, conforme se pode verificar na próxima figura.



Em um breve comentário apresentado na seção “BRASIL – NOVIDADES” do nº 21, dez/1934 do *Boletim da Sociedade Filatélica Paulista* encontrei uma referência (p. 39) sobre a série de 38 BPs na qual se informava que foram “executados nas oficinas Pimenta de Melo e Cia”, a mesma que, segundo o catálogo RHM, imprimiu a série anterior com fotos do RJ.

Ficarei grato se algum leitor enviar mais informações sobre a produção dessas duas séries de bilhetes postais, em particular sobre as fotos impressas.

## Referências

BERGER, P. *O Rio de Ontem no Cartão-Postal 1900 - 1930*. Rio de Janeiro: RIOARTE, 1986.  
VASQUEZ, P. K. *Postaes do Brazil – 1893-1930*. S. Paulo: Metavideo, 2002.

(\*) Demétrio Delizoicov Neto  
E-mail: demetrio.neto@ufsc.br

## LER MAIS

Para este número, selecionamos os seguintes títulos encontrados na Biblioteca da AFSC e à disposição dos associados:

1. “REPÚBLICA DO COUNANI”, de Carlos Santos Pinheiro, 1995, com 106 páginas, ilustrado, em preto e branco. Trata da emissão postal da “República” existente entre 1859 e 1861, onde hoje é o Amapá.
2. “OS DINHEIROS PRIMITIVOS”, de Oswaldo M. Rodrigues Jr, 2016, com 88 páginas, a cores. Refere-se ao proto-dinheiro, usado antes dos “dinheiros” oficiais.
3. “O IMPOSTO DO SELO NO BRASIL (1797/1990)”, de Luiz Reginaldo Fleury Curado, 2001, com 305 páginas e ilustrações coloridas. Procura sistematizar a história, com o levantamento da legislação e a descrição dos papéis selados e estampilhas fiscais brasileiras.

## Série dos Cruzados - Segundo Sistema Monetário (1833 a 1848)

Juliano Natal - Florianópolis, SC (\*)

Até o início do Segundo Reinado (1831-1889), a Nação brasileira adotava o padrão monetário proveniente da Colônia com a razão equivalente de 1.600 réis a oitava de ouro de 22 quilates (antiga medida de peso adotada por Portugal, equivalente a 3,5856 g de ouro). Nesse período, as casas das moedas estabelecidas em alguns estados, tais como Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Minas Gerais, cunhavam moedas em ouro cujo poder de compra representava o lastro equivalente metálico. Assim, por exemplo, a moeda de 12.800 réis (dobra), cunhada durante o Reinado de D. João V (1706-1750), continha 26,6848 g em metal, equivalentes a 8 oitavas de ouro ou uma onça.

A moedagem em prata, que, também, respeitava uma proporção entre poder aquisitivo e lastro metálico, circulou por todo esse período com valores faciais indiscutivelmente originais: 20, 40, 80, 160, 320, 640 e 960 réis. Com exceção da moeda de 960 réis, todas seguiam a projeção geométrica dobrada a partir da moeda de 20 réis. Em prata ainda foram produzidas moedas provinciais do Rio de Janeiro e Minas Gerais da Série “J”, nos valores intrínsecos de 75, 150, 300 e 600 réis.

Após a abdicação de D. Pedro I (1831), o novo governo enfrentou problemas financeiros estruturantes causados, principalmente, pela economia estagnada baseada na exportação de algodão e de açúcar, pelos vários levantes e rebeliões separatistas (como a Balaiada, Cabanagem e Sabinada) e pelas incertezas políticas <sup>(1)</sup>, até que o menino Pedro de Alcântara alcançasse a maioridade. Nesse cenário, a inflação corroía o meio circulante, tornando impossível a manutenção da equivalência (1.600 réis = uma oitava = 3,5856 g de ouro) <sup>(2)</sup>.

Com a desvalorização do padrão monetário, a Lei número 59 de 08 de outubro de 1833 definiu um novo valor para equivalência com o metal nobre: eram necessários 2.500 réis para comprar a mesma oitava de ouro. Essa lei deu início ao segundo sistema monetário, que permaneceria em vigor até 1848:

*A Regencia Permanente, em nome do Imperador Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súbditos do império que a Assembleia Geral decretou, e Ella sancionou a lei seguinte:*

*Art. 1º Na receita e despesa das estações públicas entrarão o ouro e a prata em barras ou em moedas nacionais ou estrangeiras, a dois mil e quinhentos réis por oitava de ouro de vinte e dois quilates <sup>(3)</sup>.*

Dessa forma, o padrão ouro foi unificado e o metal passou a ser lavrado em moedas no valor de 10.000 réis com o peso de 14,34 g (mesmo peso do extinto 6.400 réis), correspondente a 4 oitavas.

No período de vigência do segundo sistema monetário, nenhuma produção de moedas em cobre foi realizada. Contudo, pela determinação da Lei número 52 de 03 de outubro de 1835 e da Lei número 54 de 06 de outubro de 1835, as moedas de cobre, em circulação, foram recolhidas pelo governo para recebimento de uma contramarca, contendo o carimbo geral uniface que desvalorizava a moeda em 50 % do seu valor facial <sup>(4)</sup>.



*Figuras 1 e 2. Aplicação do carimbo uniface de 40 réis na moeda de cobre de 80 réis, cunhada no Rio de Janeiro, reduzindo seu valor em 50 %.*

Outro fator importante ocorrido durante o segundo sistema foi a centralização da cunhagem de moedas no Rio de Janeiro, dando por encerrada a cunhagem de moedas em outros estados <sup>(5)</sup>.

Surgiram as moedas de prata no valor de 100, 200, 400, 800 e 1.200 réis, conhecidas como “série dos cruzados”, abolindo de vez o sistema de patacas. Tal série começou a circular em 1834, não se tendo conhecimento do documento oficial que autorizou a abertura dos cunhos <sup>(6)</sup>. Para se ter uma noção do poder de compra da época de circulação dessas moedas, segundo GALLAS (2007), com 1.200 réis era possível comprar seis refrescos ou quatro sorvetes de boa qualidade <sup>(7)</sup>.



*Figura 3. Série dos cruzados, moedas em prata, cunhadas entre 1834 e 1848.*

O nome da série partiu da moeda de 400 réis, inspirado no antigo valor do cruzado português. Todas as moedas da série apresentam o mesmo reverso: escudo das Armas do Império, encimado pela coroa imperial, ladeado por ramos de café e tabaco. Há, ainda, a inscrição latina “IN HOC S. VINCES (Por Este Sinal Vencerás).



*Figura 4. Reverso adotado em todas as moedas da série dos cruzados.*

No averso, as cinco moedas da série trazem seu valor facial dentro de um colar de grinalda de tulipas, a data de cunhagem e a inscrição latina PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF. (Dom Pedro II, por Graça de Deus, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil).



*Figuras 5 e 6. Anversos das moedas de prata de 100 e 200 réis de 1835, conhecidas como tostão e ½ cruzado, respectivamente.*



*Figuras 7 e 8. Anversos das moedas de prata de 400 réis de 1834 e de 800 réis de 1835, ano em que esta última teve sua maior cunhagem: apenas 1.698 peças.*



*Figura 9. Anverso da moeda de prata de 1.200 réis de 1834, conhecida como três cruzados.*

A tabela, que segue, reúne as características particulares de cada uma das moedas da série. Nota-se que, em todos os anos de cunhagem, as quantidades de peças produzidas foram pequenas<sup>(8)</sup>, sendo que a moeda de 800 réis (dois cruzados) se apresenta como a mais rara da série.

Série Cruzados	Diâmetro (mm)	Peso (g)	Anos de cunhagem (número de moedas cunhadas)
100 réis Tostão	18,50	2,24	1834, 1835, 1836 (5.592), 1837 (9.562), 1840 (910), 1844, 1846 (4.699), 1847 (682), 1848 (486)
200 réis ½ Cruzado	23,00	4,48	1835 (4.894), 1837 (5.007), 1840 (624), 1844 (893), 1846 (406), 1847 (2.093), 1848 (501)
400 réis Cruzado	28,00	8,96	1834, 1835, 1837 (7.837), 1840, 1841, 1843 (161), 1844 (649), 1845 (179), 1847 (744), 1848 (510)
800 réis Dois Cruzados	32,00	17,93	1835 (1.698), 1838 (497), 1840 (145), 1843 (127), 1844 (628), 1845 (672)
1200 réis Três Cruzados	37,00	26,89	1834 (891), 1835 (10.616), 1837 (6.304), 1839 (186), 1840 (633), 1843 (1.803), 1845 (292), 1846 (1.898), 1847 (10.506)

Uma das teorias que procura explicar a pouca emissão da série dos cruzados fundamenta-se na sua baixa aceitação pelo povo, que estava acostumado com as patacas do antigo sistema, não motivando o governo a fazer grandes emissões. O segundo sistema teve vida curta também em função da ocorrência de uma nova desvalorização do padrão monetário.

A partir de 1848, foram emitidas moedas de 20.000 réis e 10.000 réis, com novos pesos. A oitava de ouro valia 4.000 réis, o que representava um poder de compra 60% menor, dando início ao terceiro sistema monetário, que teve melhor aceitação pela sociedade e maior duração, ultrapassando o regime imperial.

As moedas da série dos cruzados desempenharam um importante papel transitório entre o primeiro e o terceiro sistema monetário e, devido à pequena quantidade de emissões, vem ocupando um lugar de destaque nas coleções numismáticas, ainda mais quando encontradas com pequeno grau de desgaste de circulação.

## Referências

1. Priori, Maria Del. **Histórias da Gente Brasileira – Volume II Império**, 1ª edição, Editora Leya, São Paulo, 2016.
2. Enciclopédia **Grandes Personagens da Nossa História – Volume II**, 2ª edição, Nova Cultural, São Paulo, 1988.
3. Tipografia Nacional. **Coleção das Leis do Império – Parte Segunda**, Rio de Janeiro, 1873.
4. Pagliarini, Fábio (Organiz). **Carimbos Brasileiros**, Sociedade Numismática Brasileira, São Paulo, 2014.
5. Maldonado, Rodrigo. **Moedas Brasileiras: Catalogo Oficial**, 5ª edição. MBA Editores, 2017.
6. Coimbra, Álvaro da Veiga. **Noções de Numismática Brasileira – Volume VI**, São Paulo, 1959.
7. Gallas, Fernanda D. e Gallas, Alfredo O.G. **As Moedas Contam a História do Brasil**, Editora Magma Cultura, Rio de Janeiro, 2007.
8. Amato, Cláudio; Neves, Irlei e Russo, Arnaldo. **Livro das Moedas do Brasil**, 14ª edição. Edição do Autor, São Paulo, 2018.

(\*) Juliano Natal

E-mail: [juliano\\_natal@yahoo.com.br](mailto:juliano_natal@yahoo.com.br)



**Filatélica Penny Black**  
**Portal do selo**



**FILATÉLICA BRASÍLIA**  
Tel.: (019)3704-4670 e 8112-3725

**Agora trabalhando juntas**

**Roberto Silveira**

Rua Frederico Tetzner Sobrinho 92  
Vila Cristóvão, Limeira - SP CEP 13480-000

*Grande estoque de selos brasileiros e estrangeiros  
Toda linha de materiais filatélicos e numismáticos  
Atendemos mancolistas por países e/ou temas  
Compramos coleções de selos*

**OFERTAS EM NOSSOS SITES**

[www.pennyblack.com.br](http://www.pennyblack.com.br)

[www.filatelicabrasilia.com.br](http://www.filatelicabrasilia.com.br)

# Carimbos de expedição com a identificação do Caixa de Atendimento na Agência Postal

Henrique Costa Braga - Montes Claros, MG (\*)

Carimbo de expedição “é o instrumento datador existente em todas as agências de Correios, destinado a obliterar (carimbar) os selos aplicados nas correspondências postadas e registrar a data de expedição” (CORREIOS, 2012). Uma obra fundamental que trata desses carimbos, no período republicano, é o livro “Carimbos Postais Brasileiros” (PETRUCCI, 2012), que também os denomina carimbos datadores obliteradores.

Nessa obra de Petrucci, estão apresentadas dezenas de variedades desses carimbos datadores, além de diversos outros, por exemplo, carimbos DH, AR, AO, Registrado e Taxado. Entretanto, por mais completa e abrangente que seja essa obra, cuja consulta é recomendadíssima para quem se adentre nessa importante área da filatelia, existe muito, ainda, o que pesquisar sobre esse tema. Isso foi deixado bem claro pelo próprio autor.

Este trabalho tem como objetivo apresentar carimbos de expedição com uma característica não mostrada no referido livro ou nas demais literaturas consultadas (MILLER, 2008; NOVAES, 2017) e que não é usual na maioria absoluta dos carimbos de expedição. Tal característica é a identificação do caixa ou guichê de atendimento da agência postal que recebeu o envelope.

Ressaltamos que Petrucci (2012, p.18) traz a imagem de um carimbo de expedição, datado de 1891, com um número entre parênteses que, segundo o autor, provavelmente indica o funcionário responsável pelo manuseio da correspondência. Entretanto, não há referência a nenhum carimbo aplicado, no século XX ou século XXI, com tal característica, e nenhum outro carimbo de expedição de todo o período republicano que, explicitamente, traga a indicação específica do caixa de atendimento.

Essa característica curiosa foi percebida em um envelope recente, circulado em dezembro de 2017, na agência de Correios franqueada AGF ESTAÇÃO BANGU, bairro Bangu, cidade do Rio de Janeiro – RJ (figura 1).



**Figura 1.** 2017. Rio de Janeiro. Fragmento de envelope com selos obliterados com carimbos de expedição com identificação do caixa de atendimento (no caso, o caixa 4).



O carimbo apresentado na figura 1 é classificado como do tipo básico 1LA4 (datação em uma linha com indicação alfabética do mês e ano com quatro algarismos), com círculo único, cuja legenda superior identifica a agência (local) e a legenda inferior, a cidade à qual pertence essa agência. O carimbo possui um diâmetro de, aproximadamente, 38,5 mm. O número do caixa de atendimento da agência que recebeu e obliterou esse envelope está inserido no retângulo logo abaixo da legenda superior, no caso, caixa 4. Essa informação sobre o significado do número desse carimbo foi fornecida pela própria agência emissora do carimbo. Se esse envelope tivesse sido recebido por outro caixa que estivesse também usando um carimbo de expedição, teríamos no retângulo o número identificador desse outro caixa.

Na verdade, imagens de carimbos dessa agência, com as identificações 1, 2 e 3, foram divulgadas por Novaes (2017) em seu sítio sobre as agências postais do Rio de Janeiro, sem, entretanto, fornecer detalhes sobre seu significado.

Visando verificar, mesmo que apenas qualitativamente, a eventual dificuldade de se encontrar um carimbo de expedição moderno com essa característica, foi realizada uma busca, em cerca de 5.000 envelopes circulados, recentemente (anos 2000 em diante), obliterados com carimbos de expedição. Nessa pesquisa, foram identificados apenas sete envelopes com tal característica, oriundos de três agências distintas, todos circulados no ano de 2004.

Na figura 2, temos imagens de recortes de dois desses envelopes, ambos oriundos da ACF AMORIM, cidade de Petrolina – PE. Os carimbos apresentados na figura 2, também, são classificados como do tipo básico 1LA4, com círculo único, cuja legenda superior identifica a agência (local), no caso, a ACF AMORIM, e a legenda inferior, a cidade e a sigla do estado a que pertence essa agência. Os carimbos possuem um diâmetro de, aproximadamente, 35,5 mm. Diferente do carimbo apresentado na figura 1, o número do caixa de atendimento da agência que recebeu e obliterou esse envelope está indicado acima da legenda inferior.



**Figura 2.** 2004. Petrolina, Pernambuco. Fragmentos de dois envelopes distintos de uma mesma agência, obliterados com carimbos de expedição com identificação do caixa de atendimento.

Na figura 3, apresentamos partes de dois outros envelopes, destacando-se os carimbos de expedição, ambos do tipo básico 1LA4, com círculo único. O carimbo da figura 3a (somente parcialmente legível) é da agência AC IMPERATRIZ, cidade de Imperatriz – MA, com um diâmetro de aproximadamente 42 mm, e identifica o caixa 02 abaixo da legenda superior. O carimbo da figura 3b é da agência QUATRO, cidade de Goiânia – GO, com aproximadamente um diâmetro de 35,5 mm, e identifica o caixa 04, acima da legenda inferior.



**Figura 3.** 2004. Fragmentos de dois envelopes de duas agências distintas, obliterados com carimbos de expedição com identificação do caixa de atendimento. Em (a) Imperatriz, Maranhão (parcialmente legível), e em (b) Goiânia, Goiás.

Assim, colaborando mesmo que modestamente para o entendimento do assunto, apresentamos alguns exemplos de carimbos de expedição modernos com a identificação do caixa de atendimento na agência postal. Além disso, pela amostragem realizada, e considerando a diversidade de agências postais no Brasil, acreditamos que outros casos desse carimbo existam. Ressaltamos que o detalhamento apresentado ainda é plenamente passível de um maior aprofundamento futuro e sujeito a eventuais correções.

## Referências

- CORREIOS. **Carimbos**. 2012. Disponível em <[http://blog.correios.com.br/filatelia/?page\\_id=339](http://blog.correios.com.br/filatelia/?page_id=339)>. Acessado em 2 de fevereiro de 2018.
- MILLER, T. O. Memória Patrimonial: estudo arqueológico dos carimbos postais do Brasil. **Mneme - Revista de Humanidades**. v. 9, n. 23, 2008, p. 127-172.
- NOVAES, P. **Agências Postais** – Bangu. Dezembro de 2017. Disponível em <[http://agenciaspostais.com.br/?page\\_id=8168](http://agenciaspostais.com.br/?page_id=8168)>. Acessado em 3 de fevereiro de 2018.
- PETRUCCI, V. A. **Carimbos Postais Brasileiros** – período republicano. Campinas: o autor, v. 1, 2012.

(\*) Henrique Costa Braga  
E-mail: henriquecbragaseg@gmail.com



EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS - ECT  
Diretoria Regional de Santa Catarina

**Seção de Filatelia**

Gabriel Alexandre Gandolfi da Silva – gabrielgd@correios.com.br

Amanda Ferreira Martins – amandafmartins@correios.com.br

*Notícias, programação de Eventos Filatélicos,  
Carimbos Comemorativos e Selos Personalizados*

Rua Romeu José Vieira, 90 – bloco B – 6º Andar  
Bairro: Nossa Senhora do Rosário – São José/SC  
CEP 88110-906 – Telefone: (48) 3954-4032

**Selos Comemorativos e Editais**

**Envelopes Comemorativos - Coleções Anuais**

- Em Florianópolis: Agência Central de Florianópolis  
Praça XV de Novembro, 242  
CEP 88010-970 – Telefone (48) 3229-4336
- Em Blumenau: Agência Victor Konder – Rua São Paulo, 1.277  
CEP 89012-971 – Telefone (47) 3340-6772
- Em Joinville: Agência Joinville – Rua Princesa Isabel, 394  
CEP 89201-970 – Telefone (47) 3433-1574

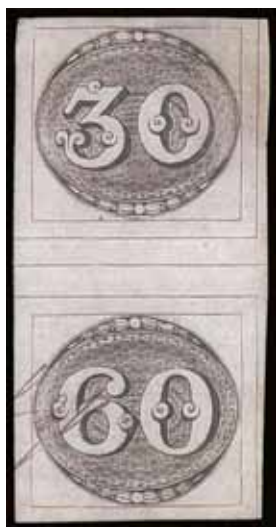


**POSTMIX**  
Gráfica Digital

# *Filatélica Junges*

Especializada em Selos do Brasil.  
Compramos e Vendemos  
Variedades e Peças Raras.

Atentemos Mancoлисты.



[www.filatelicajunges.com.br](http://www.filatelicajunges.com.br)

Telefones: (51) 3227.2943 - (51) 3225.0218 – Fax: (51) 3225.7197  
Rua dos Andradas, 1137/1513. Porto Alegre / RS – Brasil. CEP:90020-007  
Caixa Postal 1998 – CEP: 90001-970  
e-mail: [filatelicajunges@terra.com.br](mailto:filatelicajunges@terra.com.br)